



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

NÚCLEO DE SAÚDE



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA

**SENTIDOS SUBJETIVOS: HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE
MORADORES DE RUA**

REGIS ALBUQUERQUE HENRIQUE

**Porto Velho
2015**

REGIS ALBUQUERQUE HENRIQUE

**SENTIDOS SUBJETIVOS:
HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE MORADORES DE RUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (MAPSI) da Universidade Federal de Rondônia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Orientador: Prof. Dr. José Juliano Cedaro

**PORTO VELHO
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

H519s

Henrique, Regis Albuquerque.

Sentidos subjetivos: história e trajetória de moradores de rua / Regis Albuquerque. - Porto Velho, Rondônia, 2015.
79f.

Orientador: Prof. Dr. José Juliano Cedaro

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

1. Psicologia. 2. Moradores de rua – história. 3. Moradores de rua - experiências de vida I. Cedaro, Juliano José. II. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. III. Título.

CDU: 159.9.018.2

Bibliotecária Responsável: Carolina Cavalcante CRB11/1579

FOLHA DE APROVAÇÃO

**SENTIDOS SUBJETIVOS:
HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE MORADORES DE RUA**

REGIS ALBUQUERQUE HENRIQUE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Psicologia (MAPSI) como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Psicologia pela
Fundação Universidade Federal de Rondônia

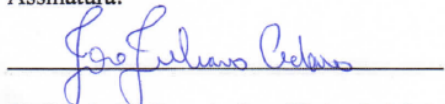
Linha de Pesquisa: Saúde e processos psicossociais

Orientador: Prof. Dr. José Juliano Cedaro

Banca examinadora:

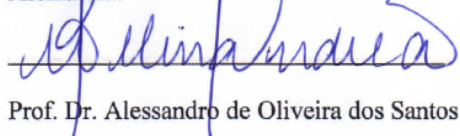
Prof. Dr. José Juliano Cedaro
Programa de Pós-graduação em Psicologia (MAPSI/UNIR)

Assinatura:



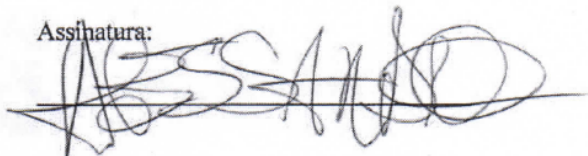
Prof. Dr^a. Melissa Andrea Vieira de Medeiros
Programa de Pós-graduação em Psicologia (MAPSI/UNIR)

Assinatura:



Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura:



Dissertação aprovada em: 15/07/2015

A Cláudio, Alberto, Paulo, Jorge, Rodrigo e Ricardo, por compartilharem suas histórias, e a todos aqueles que fazem da rua a sua casa.

GRATIDÕES

Ao programa de Pós- Graduação em Psicologia (MAPSI) e à Universidade Federal de Rondônia (UNIR) por oportunizarem experiências fundamentais para meu crescimento. Agradeço especialmente aos professores do MAPSI pelo empenho na produção do conhecimento e pela disponibilidade em ensinar.

Aos segmentos das redes de atenção aos moradores de rua pela abertura e disponibilidade, colaborando com a valorização do trabalho acadêmico e com a realização de pesquisas em nossa região.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Juliano Cedaro, a quem admiro por sua dedicação ao ensino, à pesquisa e à prática profissional, pela disponibilidade em me orientar e me acompanhar ao longo do processo de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alessandro Oliveira dos Santos e à Prof.^a Dra. Melissa Andrea Vieira de Medeiros pelas valiosas contribuições no exame de qualificação que foram cruciais para o progresso desse trabalho.

Aos participantes deste estudo, que se dispuseram a contar suas histórias de forma solícita, apesar de passagens permeadas por adversidades, perdas, tristezas e rupturas... Pessoas com as quais pude adquirir aprendizados e reflexões que levarei para minha vida e que, agora, fazem parte da minha história.

À Universidade Federal do Acre (UFAC), por possibilitar minha dedicação a esta pesquisa, permitindo meu desenvolvimento pessoal e profissional. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Minoru Martins Kimpara, reitor da instituição, à Prof.^a Dra. Margarida de Aquino Cunha e a Filomena Maria Oliveira da Cruz da Administração superior da UFAC.

A todos (as) colega (s) do Setor de Saúde da UFAC.

À minha família, em especial meus pais pelo suporte, incentivo e compreensão.

À psicóloga Fabiana Guedes, pelo percurso de análise e pelos momentos analíticos importantes para a realização desse e de tantos outros desejos.

Ao meu amigo Jacson Melo de Carvalho e à sua família, por sempre me acolher de forma afetiva em sua casa.

Aos *brothers* Helder, Ulisses, Everton, Santiago, Lucas e Marcos Vinícius, pela amizade e pelos momentos de alegria que tornam a caminhada mais leve.

Aos caríssimos amigos e colegas da graduação: Vânia, pelas valiosas trocas de ideias e Clara e João, pela inspiração que me transmitem como pesquisadores, pelas parcerias e pela disponibilidade que sempre me dispensam.

Um agradecimento especial a todos os colegas do MAPSI, pelas trocas afetivas e intelectuais.

RESUMO

HENRIQUE, Regis Albuquerque. **Sentidos subjetivos:** História e trajetória de moradores de rua. 2015. f. 77. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

Esta pesquisa tem como objetivo relatar as experiências vividas por moradores de rua. O estudo foi desenvolvido dentro de uma abordagem qualitativa, tendo sido entrevistadas seis pessoas que vivem ou já viveram na rua das cidades de Rio Branco, Acre, e Porto Velho, Rondônia. Foram contatadas por intermédio de unidades da rede de atenção a moradores de rua ou na própria rua. Pretendeu-se captar, em seus relatos, os motivos que os levaram a viver na rua e/ou permanecerem em tal situação, bem como estratégias de adaptação utilizadas. Foram destacadas, em suas falas, a fragilidade dos vínculos familiares e a não convivência familiar ou comunitária, violência e rupturas como um dos principais motivos para ocupação das ruas. Outro motivo apontado diz respeito ao uso precoce e problemático de substâncias psicoativas. Observa-se, ainda, que essas questões somadas ao desemprego e a baixa escolaridade constituem-se como fatores que reforçam a permanência dos mesmos na situação de rua. Enfatizaram, também, o estigma social que sofrem por parte da sociedade em geral, que os rotulam como vagabundos/perigosos e sem possibilidade de saírem de tal condição.

Palavras-chave: Moradores de rua. História oral. Experiências de vida.

ABSTRACT

This research aims to narrate the experiences lived by street dwellers. This study was developed through a qualitative approach, with the interview of six people who live or have lived in the streets of Rio Branco, Acre; and Porto Velho, Rondônia. Those people were contacted in the service network units for street dwellers or in the streets. We aimed to capture, in their narratives, the reasons that took them to live in the street and/or to remain in that situation, as well as strategies of adaptation used by them. We highlight, in their reports, the fragility of family bonds and the lack of family or community companionship, violence and ruptures as one of the main reasons for street occupancy. Another reason has to do with the early and problematic use of psychoactive substances. We also noticed that those questions summed up to unemployment and low school level are factors that reinforce the permanence of those subjects in the street situation. Those questions also emphasize the social stigma they suffer by society in general, that labels them as layabouts/dangerous and with no possibility to leave such condition.

Key words: Street dwellers. Oral History. Life experiences.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo describir las experiencias de las personas sin hogar. El estudio se realizó en un enfoque cualitativo, después de haber sido entrevistado seis personas que viven o han vivido en las calles de las ciudades de Río Branco, Acre, y Porto Velho, Rondônia. Ellos fueron contactados a través de unidades de red de atención a personas sin hogar o en la calle. Se tenía la intención de capturar, en sus informes, las razones que los llevaron a vivir en la calle y / o permanecer en tal situación y las estrategias de adaptación utilizadas para esto. Se destacaron, en sus discursos, la fragilidad de los lazos familiares y la falta de vida familiar o de la comunidad, la violencia y la interrupción como una de las principales razones para la ocupación de las calles. Otra razón es la uso temprano y problemático de sustancias psicoactivas. Se observa, también, que estas cuestiones, añadidas del desempleo y la falta de educación, constituyen como factores que refuerzan su permanencia en las calles. También hizo hincapié en el estigma social que sufren de la sociedad en general, que los etiqueta como vagabundos, peligrosos y sin posibilidad de dejar tal condición.

Palabras clave: Personas sin Hogar. Historia oral. Experiencias de la vida.

Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias".

(Eduardo Galeano)

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPS: Centro de Atenção Psicossocial

CFP: Conselho Federal de Psicologia

CREPOP: Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas

CENTROPOP: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAPSI: Mestrado Acadêmico em Psicologia

UNIR: Universidade Federal de Rondônia

MDS: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

ONG: Organização não governamental

PIB: Produto Interno Bruto

PIBEX: Programa Institucional de Bolsas de Extensão

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
FUNDAMENTOS TEÓRICOS	18
ALGUNS ESTUDOS PUBLICADOS	19
ASPECTOS METODOLÓGICOS	25
Método	25
LOCAL E PROCEDIMENTOS	28
O PERCURSO DA PESQUISA.....	31
PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE	33
AS EXPERIÊNCIAS NARRADAS.....	34
“Uma caixa de papelão lá fora me espera”	34
“Viver no mundo”	36
“Eu me viro...”	37
“Na rua, o negócio é embaçado. O cara não pode ficar de costa <i>pra</i> nenhum canto!”	38
“O primeiro dia que me dei conta que estava na rua, foi um peso em cima de mim”	40
“Eu vou ficar na rua. Se eu não conseguir nada, eu me jogo na frente de um ônibus”	41
ANÁLISES: UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA DA HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE MORADORES DE RUA	43
POR QUE EU FUI PARA A RUA? POR QUE EU CONTINUO NA RUA?	43
SOBRE A PERMANÊNCIA NA RUA	53
SOU DA RUA?! ESTOU NA RUA?!	60
ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO	64
LIÇÕES APRENDIDAS.....	69
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Em nosso cotidiano, nos deparamos frequentemente com moradores de rua. Alguns, que podem ser emblemáticos e bastante conhecidos na cidade, outros, que passam despercebidos pela paisagem urbana. O fato é que eles estão cada vez mais presentes no cotidiano das cidades, não apenas daquelas que compõem conglomerados urbanos, mas, também, no de cidades médias e até de pequenos municípios.

A discussão sobre o tema tem crescido gradualmente em vários meios, inclusive nas universidades, constituindo-se como interesse de variadas disciplinas. Diversos estudos têm sido produzidos no campo psicológico, sobretudo nos últimos anos: alguns versam sobre o louco de rua (FERRAZ, 2000; ALBUQUERQUE, 2009); outros, sobre os modos de vida e estratégias de sobrevivência utilizadas nas ruas (COSTA, 2006; KUNZ, 2012), enquanto outros, delimitados por variados recortes, versam acerca dos aspectos subjetivos dessa população (SERRANO, 2004; GOMES, 2006; MENDONÇA, 2006).

Vale destacar, também, estudos de levantamento realizados em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife (BRASIL, 2009; DORNELLES et al., 2012) e a Pesquisa Nacional sobre a população de Rua, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/MDS (BRASIL, 2009), em 71 outros municípios. Esses estudos foram realizados em momentos diferentes e através de metodologias bastante diversificadas, o que termina por ofuscar alguns aspectos como, por exemplo, o tamanho total da população que vive nas ruas (BRASIL, 2009).

Podemos constatar estudos, que focalizam questões demográficas, e outros, voltados para aspectos sociais, destacando levantamentos que mostram características físicas e geográficas dos locais pesquisados, porém estes trazem poucas informações em relação a questões sociais e psicológicas.

Embora tenhamos uma gama de produções sobre a temática, sabemos que estamos diante de um fenômeno complexo e multifacetado, que exige olhares múltiplos, os quais possuem limites, alguns alcances e um potencial construtivo, mas que, no entanto, apresenta apenas uma faceta da realidade vivenciada por quem mora na rua (ALBUQUERQUE, 2009).

O meu interesse pelo tema surgiu quando ainda era graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia, ao entrar em contato com o tema através de leituras que problematizavam a vida nas ruas. No último ano da graduação,

durante um dos estágios curriculares, participei, juntamente com dois colegas da graduação, de uma intervenção direcionada a esse público. O trabalho consistia em oferecer atendimentos psicológicos semanalmente, em dias e horários fixos, no local de encontro e pernoite de um grupo de moradores de rua. Eram acompanhados todos os que demonstravam interesse pela proposta do trabalho e os atendimentos eram sucedidos por reuniões em grupo, para supervisão, estudos teóricos, discussão de casos, e elaboração dos diários de campo.

O objetivo principal consistia em realizar intervenções terapêuticas e práticas psicológicas extramuros e, assim, aproximar a psicologia das questões desse segmento populacional, visto que, na época, a rede de atenção a essas pessoas ainda não havia sido implantada, existindo apenas uma pequena rede constituída por instituições filantrópicas de cunho assistencial.

O trabalho teve continuidade através de outros estudantes de graduação em Psicologia da UNIR, o que, posteriormente, deu origem a um projeto de extensão intitulado “Psicologia na Rua: possibilidades de atuação psicológica com pessoas vivendo em situação de rua”, aprovado em edital do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX (LIMA et. al., 2012).

Após concluir minha graduação, permaneci em contato com a literatura que tratava do assunto, acompanhando a participação da psicologia nessa temática e direcionei algumas produções acadêmicas para o tema, produzindo textos e expondo-os em eventos acadêmicos. No ano de 2012, pude acompanhar, como membro da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia – Seção Acre, uma das etapas da pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) por intermédio do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), que investiga a atuação de psicólogos com essa população, tendo como finalidade elaborar um documento de referências para a atuação profissional na Política Nacional para população em situação de rua (CREPOP, 2012).

A aproximação entre a Psicologia e o tema “moradores de rua” é relativamente recente, o que tem exigido dessa ciência o desbravamento de um novo campo de estudo composto por sujeitos excluídos e invisíveis socialmente, logo, pouco ouvidos.

Devido ao escasso número de estudos nesse sentido, ainda sabe-se pouco sobre a subjetividade da vida nas ruas, conhecimento que se constitui relevante para o

desenvolvimento teórico e técnico desta ciência. Diante das inquietações em relação a este assunto e de sua importância contemporânea, alguns questionamentos emergem:

- Diversos motivos fazem parte da decisão de alguém morar na rua, entre eles: desavenças familiares, desemprego, modos de vida destoantes do socialmente aceito, uso de drogas, entre outros. Quais motivos levaram os sujeitos encontrados a romper com a vida domiciliada e morar na rua?
- As relações interpessoais e os modos de vida possuem forte impacto na subjetividade e na identidade das pessoas. Nesse sentido, qual concepção o morador de rua tem sobre si, sobre suas escolhas e seu modo de vida?
- Viver no espaço da rua exige, daqueles que nela vivem, o desenvolvimento de novas habilidades para suprir necessidades básicas como alimentação, higiene e abrigo. Que estratégias de sobrevivência os sujeitos da pesquisa utilizam/utilizaram para subsistir, morando no espaço urbano?
- Assim como existem muitos motivos para a ocupação das ruas, existem diversos para a permanência nelas. Sendo assim, quais motivos os fazem permanecer na rua?
- Quais percepções têm de suas histórias de vida e da relação com a rua?
- Morar nas ruas seria uma alternativa de vida?
- Qual/quais compreensões são possíveis a partir do relato de experiência de pessoas que moram ou já moraram na rua?

Acredito que tais questionamentos, tomados como norteadores da pesquisa, convergem para ampliarmos a compreensão sobre essa população, por meio do relato oral de suas experiências.

Entendo que realizar pesquisas acerca desse assunto significa trazer o tema à baila e promovê-lo como uma discussão permanente dentro e fora do ambiente acadêmico, pois a diversidade de estudos é fundamental para a produção e apreensão do conhecimento e se constitui como estratégia elementar para o entendimento da realidade.

Além disso, acredito que este trabalho abre possibilidades de contribuição para o processo formativo dos profissionais que atuam com essas populações e auxilia na implementação de políticas públicas mais efetivas, acompanhadas da promoção dos

direitos humanos que se caracterizam pelo reconhecimento e diálogo com o *outro* pertencente a um grupo sociocultural distinto (CANDAU, 2008).

Concordo com Schuch e Gehlen (2012) que, considerar apenas processos sociais, históricos e práticas de governo, é insuficiente para a compreensão ampla do segmento que nos propomos estudar. Devem ser levadas em conta as práticas e as interpretações dos sujeitos acerca de suas próprias situações. Logo, configura-se de suma importância realizar estudos sobre aspectos psicológicos das populações de rua.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Discussões sobre a população em situação de rua têm sido abordadas em vários segmentos sociais como igrejas, imprensa, ONG etc. No meio científico, essas pessoas têm sido estudadas com cada vez mais afinco, meio no qual destacamos a Psicologia, que começou a dar seus primeiros passos para tentar entender esse universo.

De acordo com Anderson Miranda, presidente do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR)¹, “a Psicologia, como ciência e profissão, tem produzido conhecimento por meio de pesquisas e aparecendo como um dos poucos conselhos profissionais que dialoga e oferece visibilidade a esse segmento populacional”. Portanto, a ciência psicológica não está excluída das reflexões que permeiam o assunto, sendo de suma importância a atenção aos processos psicológicos e às formas de subjetivação inerentes à situação de rua.

Assim, nesta seção, destacam-se trabalhos científicos que buscam, em princípios e conceitos das psicologias, seu principal pilar.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico em bancos de dados *online*², utilizando como descritores as expressões “moradores de rua”, “pessoas em situação de rua”, “população de rua”, “mendigos e psicologia”. Tais palavras representam o tema central de nosso objetivo, o qual consiste em apresentar alguns estudos, desenvolvidos pela Psicologia, acerca da população em situação de rua, porém sem a presunção de uma análise exaustiva sobre cada um deles.

¹ Fala proferida na abertura da 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, realizada no Centro de Convenções do Anhembi em São Paulo-SP entre os dias 20 e 22 de setembro de 2012.

² Periódicos Capes, Scielo e Biblioteca de teses e dissertação-BDTM.

ALGUNS ESTUDOS PUBLICADOS

Os moradores de rua despertam diversos sentimentos em quem faz parte de seu cotidiano e até mesmo de quem apenas os vê ao longe - concepções por vezes permeadas de representações sociais pejorativas. Mattos e Ferreira (2004) se dedicaram ao estudo dessas questões e as publicaram no artigo “Quem vocês pensam que (elas) são? – Representações sobre as pessoas em situação de rua”. De acordo com o artigo, as tipificações comumente dadas a essas pessoas são as de “vagabundas”, “loucas”, “suas”, “perigosas” e “coitadas”.

Segundo os autores, essas representações suscitam, no cidadão convencionalmente domiciliado em uma residência, um *continuum*, que vai da indiferença à violência física. As representações pejorativas constituem um material simbólico que influencia negativamente a constituição da identidade dos moradores de rua, os quais se apropriam delas e percebem-se como mero objeto, sem vontade própria, o que parece contribuir para um processo de “coisificação” dos sujeitos que habitam nas ruas.

Flávio Carvalho Ferraz (2000), em sua tese de doutorado que deu origem ao livro “Andarilhos da Imaginação: um estudo sobre os loucos de rua”, aborda a questão da loucura na rua, permitindo estabelecer uma delimitação entre o morador de rua e o “louco de rua”. Segundo esse autor, para que seja considerado “louco de rua”, o indivíduo deve se encaixar em duas categorias: ser “louco”, ou seja, alguém em sofrimento psíquico, e ser de “rua” (FERRAZ, 2000).

O autor analisa a importância do louco de rua para a comunidade no que diz respeito ao seu papel no imaginário popular e na tradição oral, mais especificamente a do município de Cambuí (MG), cidade onde foi realizado o estudo. O trabalho mostra, também, outro viés significativo que é a importância da rua para o louco, configurando-se como possibilidade de socialização e de construção de organizações singulares de vida, resultando em efeitos benéficos para sua saúde mental.

Assim, como uma via de mão dupla, o louco se “trata” por meio de seu contato com a cidade e a cidade também se “trata” ao interagir com os seus loucos. Observa-se que tal produção científica se foca na questão da loucura no imaginário social e não especificamente na subjetividade de moradores de rua.

A questão do louco de rua é abordada na dissertação de mestrado de Cíntia Maria da Cunha Albuquerque (2009), que estuda moradores de rua com sofrimento

psíquico crônico e como suas demandas são acolhidas pelos sistemas de assistência social e saúde mental. O trabalho tece críticas aos serviços que insistem em exigir referências familiares e territoriais como condição de acesso, pré-requisitos que, habitualmente, não condizem com a realidade do público em questão, o qual possui forte tendência ao isolamento social, mais do que outros tipos de moradores de rua. São propostas reflexões sobre as possibilidades de intervenção como, por exemplo, o compartilhamento de responsabilidades entre os serviços de assistência social e saúde mental, respeito às diferenças e à garantia universal e integral de proteção social, que necessitam ser estendidas para qualquer grupo social como ressalta a autora: “mesmo que ele desorganize e se contraponha às nossas certezas e convicções sobre a melhor forma de estar no mundo”.

Vários fragmentos deste trabalho nos levam a vislumbrar a possibilidade de um modo de ser, estar e viver que se desenrola na rua: “[...] penso a situação de rua como resultado de um processo, que pode ser modificado, caso haja o desejo do usuário, e sejam oferecidas as condições necessárias para a superação dessa situação [...]” (ALBUQUERQUE, 2009, p.117). Outro trecho, que sinaliza na mesma direção, nos traz:

O SESR³ compõe os serviços oferecidos pela Proteção Social Especial de Média Complexidade do Iasc⁴, configura-se como a principal porta de entrada da instituição e tem como público alvo usuários que moram nas ruas — que dormem pelo menos uma vez na rua durante a semana — objetivando construir, junto a esses usuários e a partir do desejo destes, a saída do espaço da rua ou uma melhor forma de viver em situação de rua [...] (Albuquerque, 2009, 17-18).

O trabalho aponta, sutilmente, a existência de formas de viver na rua, a qual é atravessada pelo desejo do sujeito, permitindo-nos inferir sua implicação subjetiva, carregada de sentidos e significados. Traz, também, a ideia desse lugar como espaço para um modo de vida e uma forma de moradia, contendo, em seu bojo, um conjunto de relações complexas que coadunam com interesses subjetivos (conscientes ou inconscientes) do sujeito que vai habitar esses espaços.

Numa pesquisa, realizada por Gilderlandia Kunz (2012), sobre os modos de vida da população em situação de rua da cidade de Vitória (ES), consistiu na aproximação com grupos de moradores de rua para mapear políticas formais e informais que

³ Serviço de Educação Social de Rua

⁴ Instituto de Assistência Social e Cidadania

atravessam a vida nas ruas, no mapeamento dos grupos em situação de rua e uma terceira etapa, focalizando táticas e astúcias construídas no cotidiano dos pesquisados.

O intuito do estudo não foi responder questões como “De onde vêm os moradores de rua?” ou “Por que eles existem?”. Segundo a autora da pesquisa, perguntas dessa natureza atravessam apenas uma parte da produção científica sobre o tema e que, por vezes, permeiam ações de cunho intolerante e violento e dão corpo a políticas públicas que objetivam conter sua circulação na cidade ou interferir em seus modos de vida no sentido de controlá-los. Poucos questionamentos são feitos sobre para onde eles vão e não menos importante para onde eles desejam ir.

A pesquisadora enfatiza a importância do diálogo diferenciado e horizontal com as pessoas em situação de rua, que privilegie o falar com eles e não a partir deles, evitando o silêncio e o julgamento, os quais, comumente, lhes são direcionados. Ressalta a importância de discussões sobre o tema no meio acadêmico, o que pode influir diretamente na incipiente formação profissional para o trabalho junto a este segmento.

O estudo faz uma descrição ampla sobre modos de vida que se desenrolam na rua e traz perspectivas importantes, desviando-se de clichês ao romper com “lugares prontos” dados aos moradores de rua, tais como a pobreza e a miséria. Dessa forma, utiliza a ciência como uma forma de interpretar as várias facetas da realidade, trazendo à luz novos olhares sobre o tema. Percebe-se, entretanto, que sua ênfase permaneceu na circunscrição de hábitos e estratégias de sobrevivência, deixando aspectos psicológicos em um plano secundário.

Buscando dar voz aos excluídos e trazer peculiaridades sobre a vida nas ruas, Julio Caetano Costa (2006), em sua dissertação de mestrado, fez um estudo com moradores de rua, utilizando a técnica de entrevistas filmadas e, nele, buscou detectar estratégias de sobrevivência e resistência a formas de dominação. Este estudo traz questionamentos sobre como essa população pode ser pensada além do estigma que carrega, tal como o de necessitado (p.32): “Por que não incluir outros estigmas já mencionados como os de sujos, vagabundos e loucos?”. Nesse sentido, esta produção parece propositiva e questionadora, trazendo possibilidades de novos olhares, necessidade que se demonstra premente em vários trabalhos produzidos, dos quais alguns estão aqui arrolados.

A pesquisadora Rita de Cássia Maciazeki Gomes (2006) tem como eixo norteador do seu trabalho a cidade contemporânea e o habitar as ruas. Ela centra-se especificamente no processo de subjetivação das pessoas em situação de rua. Para isso, procura dar visibilidade à realidade dessas pessoas, que é predominantemente impregnada de rótulos estigmatizantes. Em seu trabalho, há uma abertura para falas, discursos, textos e conversas, que objetivam mapear um conjunto de relações estabelecidas no espaço urbano. Seu trabalho apresenta o termo “habitar as ruas” em dois sentidos: um primeiro, como espaço de interação, de encontro, de pensar sobre a vida, de relacionar-se com o outro e construir alternativas de uma vida com qualidade para todos. Outro sentido é o de espaço, abrigo e refúgio para aqueles que não moram entre quatro paredes, mas que têm a rua como casa.

Trata-se de uma pesquisa-intervenção, que propõe a abertura de espaços em nossas relações para o convívio com o outro, com o diferente, e, dessa forma, constituir uma cidade múltipla, diversa e aberta. O trabalho demonstra a necessidade de uma concepção diferente do que está estabelecido, permeado pelo moralismo e preconceito que compreende os moradores de rua como “incuravelmente perdidos” ou como possuidores de uma “vida indigna”. Além disso, vê como negativa a crescente privatização de espaços públicos e ressalta a necessidade de diálogo com a população de rua, bem como a abertura de espaços para o protagonismo de suas falas e críticas.

Não menos importantes são os questionamentos que apontam aspectos subjetivos inerentes à situação de rua e denunciam a questão do estigma, que se configura como um constante ponto de tensão entre pessoas domiciliadas e não domiciliadas:

[...] quem é essa população? Qual o lugar na cidade para a população em situação de rua? Que espaços são possíveis para aqueles que, por vontade e/ou necessidade, vivem em constante movimento? O lugar que resta ao “morador de rua” é o lugar estigmatizado, colado a um discurso da população que o vê enquanto desejo da sociedade (p.61).

Chamamos atenção para o excerto que traz à baila o sujeito morador de rua implicado em seu desejo. Neste caso, “que por vontade ou necessidade” vive em constante movimento, o que parece abrir a possibilidade de considerar este aspecto subjetivo no estudo de populações em situação de rua.

Um importante trabalho que sublinha a questão da subjetividade é a dissertação de mestrado produzida por Cesar Eduardo Gamboa Serrano (2004), que estudou as relações entre a prática da mendicância, o morar na rua e a(s) subjetividade(s) que se produz(em) nesse campo. Seu estudo assinala três tipos de subjetividade a partir dos lugares onde o entrevistador foi posto durante a situação de entrevista.

O primeiro o incluía na cena discursiva. O entrevistador era remetido, por seu nome, ao assunto e à cena discursiva. Além disso, seu entendimento e compreensão sobre o que era dito eram constantemente checados. Os códigos sociais eram, por sua vez, conhecidos e compartilhados. Nesse caso, apenas uma “questão de condição” apresentou-se como diferença entre as partes. O segundo excluía o entrevistador da relação, sendo visto como alguém extremamente diferente dos entrevistados que apresentavam códigos e referências de forma particularizada, expulsando o pesquisador a cada tentativa de integração. O terceiro e último tipo encontrado demonstrou uma formação discursiva na qual o entrevistador não recebeu um lugar determinado, notável no discurso ambíguo dos entrevistados.

Recebe destaque o fato da mendicância se constituir como prática legitimada e institucionalizada por seus praticantes, como referencial de honestidade, embora tal prática tenha figurado até 2009 como contravenção penal (BRASIL, 2009). É interessante mencionar que, atualmente, esses sujeitos, que outrora foram considerados contraventores, são objeto de políticas públicas e muito se deve à mobilização coletiva dessa população que se engaja para o reconhecimento de suas especificidades (MELO, 2011). É importante mencionar que esse movimento de articulação política não ocorre em todos os contextos, a exemplo do meio pesquisado no presente estudo.

Sobre a subjetividade de pessoas morando na rua e a importância de estudos nessa perspectiva, Mendonça (2006) realizou uma pesquisa com o intuito de compreender os sentidos subjetivos de moradores de rua frente ao futuro, utilizando, como aporte, a teoria sócio histórica da subjetividade. Nela, busca esclarecer a complexidade de sentidos que compõe processos subjetivos inerentes à vida na rua:

[...] aos sentidos subjetivos oriundos da história de vida dos sujeitos, somados a sentidos emergentes em um dado momento de desenvolvimento se configuram definindo o aspecto subjetivo da saída para as ruas. Estes sentidos, contudo, não serão os únicos implicados nesta escolha [...] (p.71).

Prossegue ao argumentar que o sujeito, em seu novo modo de vida, continua a produzir sentidos, os quais são articuláveis com os sentidos já configurados, e, dessa forma, chega a novas configurações subjetivas continuamente. O trabalho assinala, ainda, que esses múltiplos sentidos subjetivos são fundamentais na produção de valores e alternativas de vida, que possam ser assumidos de forma digna e ativa na situação de rua. As ideias apresentadas pelo autor buscam romper com as representações engessadas e padronizantes em relação aos moradores de rua e chamam a atenção para a importância da categoria subjetividade para a compreensão das diferentes formas que uma condição social repercute nos indivíduos.

Kunz (2012) propõe uma mudança de olhar, ou seja, uma ruptura com a visão limitada e predominante na sociedade, para um olhar que privilegie o ponto de vista do segmento social que é composto por aqueles que vivem nas ruas, o qual é permeado pela invisibilidade social.

Diante disso, podemos ser propositivos no sentido de mudar a perspectiva da qual se aprecia o problema, lançando um olhar para além dos dados quantitativos, das políticas públicas disponíveis e da ocupação dos espaços da cidade, questionando: Mas, qual a perspectiva que essa população tem? Para onde aponta(m) sua(s) subjetividade(s)? O que querem? O que desejam? O que pensam sobre si mesmos?

ASPECTOS METODOLÓGICOS

MÉTODO

A presente pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa, a qual tem como princípio entender e explorar o significado que o indivíduo (ou uma coletividade) atribui a problemas sociais ou humanos (CRESWELL, 2010). Tal modelo de investigação prioriza aspectos descritivos e subjetivos dos pesquisados (COSTA, 2011), sendo consonante com a intenção de pesquisa, ou seja, compreender aspectos psicológicos relacionados à experiência de pessoas que vivem ou já viveram nas ruas.

São poucos estudos que se dedicam a compreensão de aspectos psicológicos, conforme mostrado anteriormente. Assim, diante dessa constatação, optei pelo uso de uma abordagem que possibilitasse a investigação de aspectos subjetivos a partir das narrativas de moradores de rua como forma de aprofundamento em suas experiências. Logo, trata-se de um estudo descritivo e exploratório.

Trazer à tona a experiência desses atores significa abordar diversos produtos da interação humana como, por exemplo, questões relacionais, representações e crenças, as quais se buscam observar a partir da ótica deles (COSTA, 2011). A subjetividade e a singularidade são elementos privilegiados e considerados como parte da realidade social pela pesquisa qualitativa. Trabalha-se com construções indicativas de como os indivíduos ou determinado grupo sentem-se e pensam sobre alguma situação (COSTA, 2011).

De acordo com o pensamento postulado por Minayo (2010), a modalidade qualitativa é aplicável ao estudo das histórias, relações, representações, crenças, percepções, opiniões, interpretações sobre modos de vida, como sentem e como pensam. Portanto, optou-se pelo uso de narrativas, as quais estão incluídas nas metodologias qualitativas e se constituem como um instrumento de compreensão e escuta, o que me parece coerente, ao ser utilizado em pesquisas junto a segmentos vulneráveis pouco ouvidos tal qual o representado pelas pessoas em situação de rua.

A captação de narrativas tem se mostrado como uma das principais estratégias no processo de investigação do sentido da experiência humana (MINAYO, 2010). Toniette (2009) também defende que o método dos relatos orais constitui-se como uma

possibilidade de acesso à experiência, focando o olhar singular e, assim, podendo conhecer o grupo social do qual o sujeito faz parte.

Outro aspecto que reforça nossa opção por uma abordagem qualitativa, que se utiliza de narrativas como forma de acesso às experiências humanas, é o de que a história oral e suas modalidades reconhecem as convergências multidisciplinares e dialoga com contribuições da ciência psicológica, pois apreende como fundamental considerar as experiências de outra dimensão da realidade, o que engloba os aspectos subjetivos do sujeito (MATOS; SENNA, 2011).

Meihy (2005) nos diz que a História Oral é um tema complexo, de difícil definição. Portanto, sendo discutível uma conceituação definitiva. Entretanto, apresenta algumas definições possíveis, das quais destacamos apenas uma para fins de conceitualização:

História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato (MEIHY, 1996, p.17).

Essa nos parece uma das definições mais abrangentes, chamando atenção para a importância dessa estratégia de pesquisa para o entendimento de questões sociais, visto que o sujeito, ao historicizar suas percepções, contribui para a elucidação de circunstâncias, além de compreender e se apropriar do mundo do qual faz parte (MATOS; SENNA, 2011).

Os sujeitos desse estudo possuem, como uma de suas principais características, sofrer pelo estigma e pela invisibilidade social. Sendo assim, acredito que essa modalidade de abordagem compreensiva como forma de pesquisa torna possível acessar experiências desses segmentos sociais de forma menos invasiva.

Essa abordagem proporciona o lugar do saber ao agente social (pesquisado), partindo do pressuposto de que o conhecimento deve ser construído a partir das interpretações e significações das pessoas inseridas no fenômeno social a ser investigado (SILVA et al., 2007). Além disso, trata-se de um método que propõe a produção de sentido, pelo qual as idiossincrasias de um indivíduo ou grupo podem ser trazidas à tona sem os presunçosos objetivos da tríade “verificação-constatação-

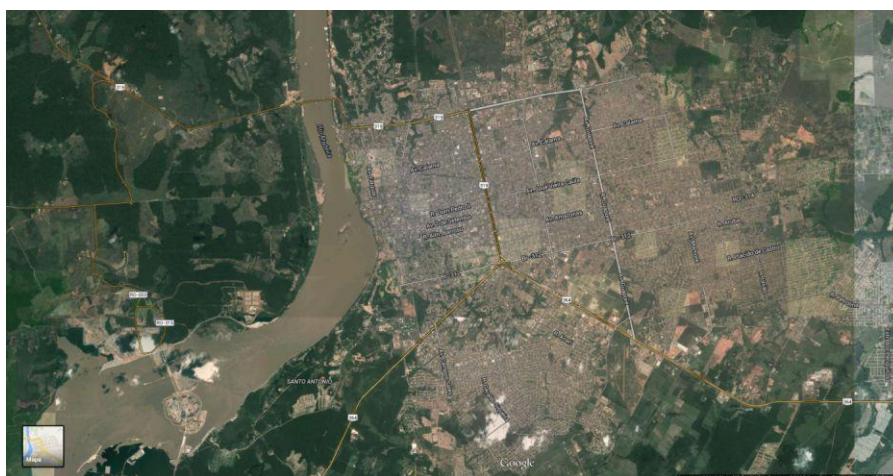
comprovação”. Por outro lado, tem, como propósito precípua, o *contato* e as possibilidades de conhecimento (SILVA et al., 2007; TONIETTE, 2009).

Dessa forma, ao usar a História Oral como ferramenta de pesquisa, tem-se acesso à experiência pessoal do narrador, dando-lhe abertura para que a disserte livremente, sendo possível entrar em contato com a compreensão do espaço pessoal subjetivo dos pesquisados, bem como uma imersão na cultura, no meio social e nos valores escolhidos por eles (MEIHY, 2005; SILVA et al. 2007).

O processo, proposto ao pesquisado, facilita a expressão de aspectos psicossociais, como nos mostra Silva et al. (2007, p 31): “[...] a experiência de relatar sua história de vida, oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)-experimentá-la, re-significando sua vida – o implicando numa dimensão ética do estudo [...]”.

LOCAL E PROCEDIMENTOS

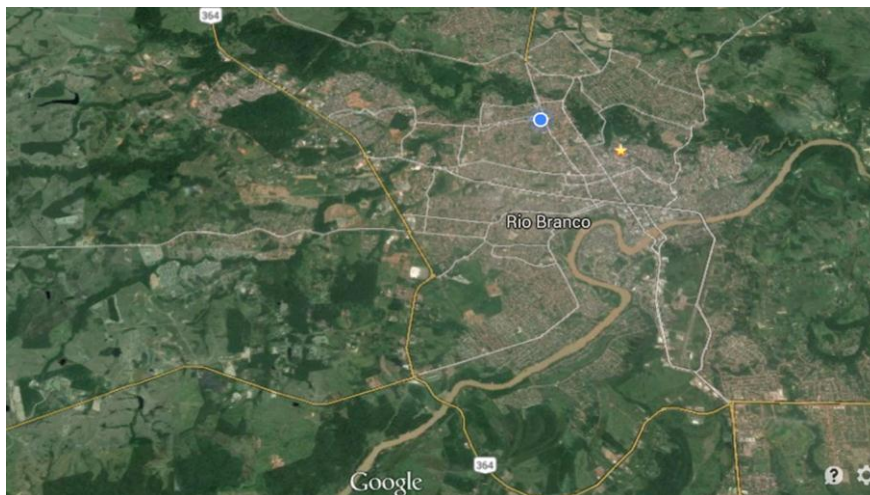
A pesquisa está sendo realizada nas cidades de Porto Velho e Rio Branco, capitais dos estados de Rondônia e Acre respectivamente. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2013), Porto Velho possui a extensão aproximada de 34 mil Km² e uma população de 428.527 pessoas. Em termos econômicos, tem o quarto maior PIB da Região Norte, sendo este marcador composto pelos setores da indústria, agropecuária e serviços. A cidade vivencia, nos últimos anos, grandes transformações socioeconômicas em razão da construção das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e de Jirau.



Vista aérea da cidade de Porto Velho (RO) Fonte: Google Maps. Acessado em 02/02/2015

A rede de atenção à população em *situação de rua* em Porto Velho conta com um Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop), o qual também dispõe, em suas instalações, de uma estrutura de acolhimento que funciona como abrigo. Além disso, é realizado o trabalho de abordagem social e a atuação da equipe dos ‘Consultórios de Rua’.

Também é válido mencionar a existência de ações empreendidas por instituições religiosas que fornecem refeições, roupas, cortes de cabelo e barba, banho e atendimentos de saúde.



Vista aérea da cidade de Rio Branco (AC) Fonte: Google Maps. Acessado em 05/04/2015

Rio Branco, capital do Acre, possui uma população estimada em 363.928 habitantes e uma área de 8.835, 541 Km². A rede de atenção direcionada às pessoas que vivem na rua articula-se entre o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop), Centro de Apoio Psicossocial, uma equipe de saúde, que constitui o consultório de rua, e uma unidade de acolhimento.

Conhecer esses espaços, que compõem a rede utilizada por moradores de rua de Porto Velho e Rio Branco, foi fundamental para a definição do método de pesquisa, bem como dos caminhos a serem seguidos para a obtenção dos dados que detalharemos a seguir.

Para a coleta de dados, foi utilizada a captação dos relatos orais, a partir de uma questão disparadora: “Conte-me a história da sua vida”. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e feitos registros em diário de campo após o término de cada encontro. Tais registros compõem impressões, como a postura corporal dos entrevistados, situações em que houve interrupções e outras informações que escapam ao áudio, prezando, assim, pela fidedignidade da análise de dados e da realidade do campo pesquisado.

- Foram convidadas a participar da pesquisa pessoas maiores de 18 anos que, atualmente, estão em situação de rua ou que já vivenciaram tal condição em algum momento de suas vidas. O contato com os participantes foi realizado por intermédio de profissionais da rede de atenção a moradores de rua nas duas cidades mencionadas ou, ainda, na própria rua, diretamente com os pesquisados.

- Nos locais onde o contato foi mediado por esses profissionais, fui apresentado como pesquisador, facilitando o acesso e o diálogo acerca da pesquisa, bem como a disponibilidade de espaços físicos para a realização dos encontros. Possivelmente, em algum desses lugares, o discurso dos entrevistados contenha atravessamentos relacionados à natureza da instituição como, por exemplo, instituições que possuem, em seu funcionamento, características de comunidades terapêuticas sem, no entanto, inviabilizar suas contribuições para o estudo. As abordagens realizadas na rua tiveram alguns complicadores tais como o caráter itinerante do público alvo da pesquisa, dificultando o acesso ou mesmo a resistência de alguns em participar.
- No sentido de preservar o sigilo das identidades dos participantes e das instituições, não serão revelados os segmentos da rede de atenção onde foram realizadas as entrevistas. Dessa forma, esses locais serão referidos apenas como “segmento 1”, “segmento 2” e assim por diante.

Todos os participantes foram consultados acerca da disponibilidade para a participação neste projeto e, mediante a resposta positiva, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No contato com os participantes, chamamos atenção para a liberdade de participar ou não da pesquisa, podendo declinar do consentimento a qualquer hora, independente da etapa do estudo. Como já mencionado, asseguramos o sigilo de suas identidades e de informações relacionadas à privacidade, imagem e a não estigmatização, bem como o acesso aos dados e aos resultados da pesquisa. Estes foram, portanto, os critérios de inclusão utilizados, a saber: possuírem mais de 18 anos, terem a experiência de morar na rua e concordarem em participar da pesquisa.

O número de entrevistados e de entrevistas com cada participante não foi definido previamente, considerando-se que, em pesquisas qualitativas, o campo pesquisado não se trata exatamente do sujeito em si, mas de suas representações, conhecimentos, aprendizados, comportamentos e atitudes, sendo, assim, irrealizável determinar o tamanho de uma amostra representativa (DESLANDES, 2013).

O PERCURSO DA PESQUISA

Como mencionado anteriormente, meu interesse por temas relacionados a moradores de rua surgiu durante a graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Rondônia. Na etapa final do curso, uma das minhas escolhas de estágio foi em Psicologia Social. Assim, um grupo de alunos (do qual eu fazia parte) propôs uma intervenção, que consistia na realização de atendimentos psicológicos direcionados a pessoas que viviam na rua.

Esse trabalho foi realizado de forma contínua por alunos e ex-alunos do curso de Psicologia da UNIR, entre os anos de 2008 e 2012, junto a um grupo de pessoas que viviam na rua, no local em que se reuniam e pernoitavam. Dessa forma, desenvolveu-se um vínculo com essas pessoas a partir de um trabalho continuado. Considero que essa prática foi fundamental para minha experiência pessoal e profissional, pois dela surgiu meu interesse de pesquisa sobre essa população.

Inicialmente, planejei realizar entrevistas com moradores de rua integrantes desse grupo. Porém, em meu retorno ao local onde ocorria o trabalho, constatei que haviam acontecido algumas mudanças: as arquibancadas de um campo de futebol que funcionavam como abrigo foram demolidas; o grupo que habitualmente frequentava o local havia mudado completamente (alguns migraram daquele lugar, retornaram para casa ou morreram); outras pessoas passaram a frequentar o local, a maioria usuários de crack, configurando-se, assim, como uma das “cracolândias” existentes na cidade.

A tentativa de retomar o contato com pessoas naquele local conteve momentos de tensão devido ao fluxo de pessoas em busca de comprar drogas e, também, das que utilizavam o local para o consumo, tornando o ambiente hostil e pouco receptivo à minha presença como pesquisador.

Na caminhada pelas ruas, em busca de voluntários para o estudo, alguns se demonstravam indisponíveis devido à debilitada condição física em razão do consumo de drogas e/ou de noites mal dormidas. Também me deparei com manifestações de desconfiança de quem, suspeitando e reagindo de forma hostil, que eu fosse um policial disfarçado, alguém do governo ou da vizinhança, sondando-os para tirá-los do lugar ou, ainda, que eu estivesse apenas “defendendo” os ganhos de uma bolsa de estudos.

Outros contatos foram realizados nas ruas de Rio Branco e Porto Velho, tendo receptividade positiva por parte dos pesquisados. Entretanto, o ambiente nem sempre

favorável da rua e a itinerância, característica comum neste grupo social, dificultavam o contato.

Percalços enfrentados causaram-me alguma inibição ao abordá-los diretamente nas ruas, estando sozinhos ou em grupo. Assim, passei a considerar a possibilidade de também realizar entrevistas com moradores de rua, usuários de segmentos das redes de atendimento a essa população.

Contatei e visitei segmentos da rede de ambas as cidades mencionadas no estudo. Em todos os locais, fui sempre bem recebido pelos funcionários, que se mostraram dispostos a explicar o funcionamento das instituições, compartilhar conhecimentos sobre o tema e mediar o contato com os possíveis pesquisados. Considero que a postura e disponibilidade dessas pessoas foram cruciais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Vale destacar que os participantes do estudo demonstravam orgulho e satisfação em poder compartilhar suas histórias, contribuir através de suas experiências e possivelmente ajudar de alguma forma outras pessoas que vivem ou já viveram nas ruas.

Os participantes enfatizavam a importância de falar com alguém disposto a ouvi-los. Dessa maneira, nossos encontros suscitavam uma revisitação às suas histórias de vida. Discursos carregados de afetos, memórias há muito tempo guardadas, lágrimas e risos fizeram parte da expressividade dos contatos.

PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE

No que diz respeito à análise dos dados, optamos por recorrer à análise temática para uma compreensão psicodinâmica dos pesquisados por meio de seus relatos. De acordo com Minayo (2010), ao utilizar a análise temática como instrumento para análise de dados, o pesquisador se lança à descoberta de “núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (p. 316). Dessa maneira, objetivamos o enfoque a temas ligados aos objetivos da pesquisa.

Primeiramente, realizamos a etapa de pré-análise que, segundo Minayo (2010, p. 316), “consiste na escolha dos documentos a serem analisados e na retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa”. Dessa forma, após um trabalho de transcrição das entrevistas gravadas e de organização sistemática do diário de campo, fizemos a leitura flutuante do material. Nesse momento, o objetivo de tal procedimento, seguindo a proposição de Minayo (2010), foi o contato direto e intenso com o material coletado, na tentativa de deixar-se impregnar pelo seu conteúdo, pois a maioria das informações a serem explicitadas não aparece na primeira leitura, surgem no decorrer do trabalho de análise (SANTOS; SANTOS, 2008).

Também foram observados critérios de validade qualitativa como a representatividade, isto é, o material coletado contém características do campo estudado: homogeneidade, que consiste na coerência entre o tema, as técnicas de pesquisa empregadas e os pesquisados; pertinência, ou seja, adequação entre os dados e os objetivos do estudo (MINAYO, 2010). Ressaltamos a importância dessa etapa da pesquisa como essencial para possíveis reformulações de hipóteses, interpretações e levantamento de novas questões.

Acerca da categorização, realizamos uma operação classificatória como definida por Minayo (2010, p.317): “Consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado”. Dessa forma, as categorias de análise da pesquisa não foram determinadas antes do trabalho de campo, mas construídas a partir dos dados coletados nas entrevistas, mediante o recorte do texto em unidades de registro constituído por palavras, frases, temas e acontecimentos, que se demonstraram relevantes.

AS EXPERIÊNCIAS NARRADAS

Ao utilizarmos os relatos orais com moradores de rua, objetivamos focar as experiências, os sentidos e os significados construídos em suas trajetórias de vida, sem a intenção, no entanto, de ter um olhar reducionista, rotulador ou estigmatizante. Propomos, ainda, não encarar os participantes do estudo meramente como objetos de uma pesquisa, mas, sim, numa tentativa de focalizar e privilegiar olhares sobre o mundo ao redor de cada um deles.

“Uma caixa de papelão lá fora me espera”

Paulo, trinta e oito anos, nasceu no interior do estado do Paraná. É filho único de uma mãe solteira que se casou novamente quando ele tinha aproximadamente nove anos de idade. Paulo e o padrasto nunca desenvolveram uma relação saudável, pois era espancado durante maior parte da adolescência.

Ainda nessa fase, por volta dos catorze anos, Paulo levou a cabo alguns comportamentos que contrariavam as vontades de sua mãe e de seu padrasto: frequentava boates e utilizava drogas, lícitas e ilícitas. Foi nesse contexto que se iniciaram seus primeiros contatos com a rua, alternando os dias entre a casa da mãe, onde descansava e pegava roupas limpas, e os dias em que dormia ao relento.

Paulo trouxe, também, relatos sobre uma desilusão amorosa intensa, que parece marcá-lo até os dias atuais, como se fosse uma ferida ainda não cicatrizada. Ao abordar esse tema, era nítida a carga emocional contida em suas lembranças, apesar dos muitos anos transcorridos.

Tudo ia bem, trabalhava e estava ‘*namorando com a menina dos sonhos*’, mas caiu em um “golpe”. A família da moça era contra o namoro devido a sua história de morar eventualmente na rua. “*Queriam um cara gente boa, que tivesse dinheiro... E eu não tinha nada mesmo*”. O referido “golpe” foi ter acreditado nas promessas da namorada, de que ela enfrentaria a tudo e a todos para continuarem juntos. As promessas de permanecerem juntos, feitas pela moça, não foram cumpridas. O relacionamento dos dois acabou definitivamente, restando os conflitos entre Paulo e os familiares de sua ex-namorada.

Pouco tempo, depois de vivenciar essa decepção, Paulo buscou conhecer o pai e os irmãos que residem no interior do estado de Rondônia. O encontro não atendeu suas expectativas, pois sua aproximação foi geradora de desconforto, sobretudo para a atual esposa do seu pai.

O entrevistado relata, ainda, que trabalhava com a mãe em uma empresa grande na região sul do país. Moravam juntos e dividiam o aluguel de uma pequena casa. Ele propôs a ela que financiassem um terreno e, quando estivessem em melhores condições financeiras, construiriam uma casa, pois tinham muitos gastos e era hora de se preparar para a aquisição de um bem devido a sua idade. Sua mãe não aceitou a proposta e alugou outra casa para morar sozinha, deixando-o profundamente magoado, pois passou a arcar solitariamente com o valor total do aluguel, ficando sem apoio para adquirir um imóvel próprio.

Sabendo que Rondônia estava vivendo um novo ciclo econômico devido à construção de duas grandes usinas hidrelétricas, decidiu retornar mais uma vez para este lugar. Dessa vez, em busca de trabalho na construção das barragens, embora não deixasse de imaginar uma possível reaproximação com o pai e os irmãos que vivem no interior do estado.

Ficou hospedado alguns dias na casa da família, mas começou a perder os horários e a não conseguir mais voltar para casa por conta do uso problemático de drogas. Assim, esse novo contato também foi frustrante, sendo permeado por conflitos e por um período de internação em uma comunidade terapêutica, que seria uma forma de chamar atenção, conforme suas próprias palavras.

Depois desse tempo, Paulo voltou a viver, alternando entre a rua e o domicílio familiar.

No período das entrevistas, estava em seus últimos dias como albergado em uma instituição. Contabilizava estar na rua há aproximadamente dois anos, incluindo passagens em albergues e comunidades terapêuticas.

Alguns trechos do seu depoimento deixam transparecer a ideia de querer ir para outra cidade, mas finalizou o encontro dizendo que tentaria algum trabalho. “Se eu ficar em alguma empresa essa semana, beleza; se não ficar, beleza também”. De qualquer forma Paulo já tinha uma certeza: “Uma caixa de papelão lá fora me espera”.

“Viver no mundo”

Jorge, de 62 anos, se dispôs a contar sobre sua vida, principalmente sobre como é ser um morador de rua, enfatizando, com alguma empolgação e orgulho, o fato de ter passado, isto é, estado, vivido, em quase duas dezenas de “pedras” (locais em que se concentram moradores de rua) em vários estados brasileiros:

“Eu posso (colaborar com a pesquisa) porque eu sou uma pessoa... Eu vivi a vida inteira trabalhando como carpinteiro e aí, quando chegava naquele momento, assim de... (buzina de moto) Da gente ter um apoio dos governantes, que a gente anda pelo mundo afora, ter um apoio, pegar um albergue, um negócio assim, sempre tá (sic) cheio, aí a gente é obrigado a dormir na rua [...] Eu já tive na pedra do Brás lá, em São Paulo, na Barão de Piracicaba. Eu já tive (sic) na Avenida Brasil no Rio. Já tive (sic) lá em Cuiabá, no beco do Candieiro. Já tive (sic) lá em Rondonópolis” [...]

Relata que saiu do interior do Mato Grosso rumo a Porto Velho em busca de trabalho nas usinas hidrelétricas do Rio Madeira, pois sua vida tem sido, há muitos anos, trabalhar na construção de barragens, exercendo várias funções nessas obras e percorrendo todas as regiões do país. Em razão do apreço por “viver no mundo”, Jorge nunca casou, aprendeu a viver sozinho.

Nessa rota, teve seus documentos extraviados do guarda-volumes da rodoviária da cidade, prejudicando bastante sua acomodação cidade estada nesta. Em suas falas, enfatiza, diversas vezes, com indignação a dificuldade, sobre a retirada de novos documentos, que, somando-se à idade avançada agravam, as dificuldades de acesso ao trabalho.

No seu relato, ressalta, ainda, a violência da qual foi vítima. Ao perder os documentos e não conseguir trabalho formal, passou a vigiar carros no estacionamento de um banco situado em uma das principais avenidas da cidade, até ser expulso de lá pela polícia. Com a renda adquirida vigiando carros, pagava o aluguel de um quarto. Sem essa fonte de renda, retornou às ruas.

Em seu depoimento, não economizou elogios à disponibilidade dos rondonienses em ajudar moradores de rua. *“O pessoal é gente boa demais, o coração do rondoniense é do tamanho do Brasil, uma casa que cê (sic) pediu e num ganhô (sic) é porque num tem”*.

Apesar do altruísmo e ajuda das pessoas, Jorge prefere, algumas vezes, catar no lixo a pedir ou juntar alguns restos de alimentos doados por comerciantes e preparar

algo em um fogareiro improvisado, segundo ele para “... *num ficar amolando a sociedade*”.

Dessa forma, ele segue a vida, na qual considera que está vivendo de “lucro”, sem ter muito a perder, pois, segundo afirma, geralmente morre muito cedo quem vive na rua. Em certo momento de nossa entrevista, Jorge diz pensar em viajar a Belo Monte, no Pará, onde também está sendo construída uma usina hidrelétrica.

“Eu me viro”

Ricardo narra sua trajetória nas ruas que se iniciou aos oito anos de idade. O principal motivo para a saída precoce de casa ocorreu por conta da violência cometida pelo padrasto, que abusava sexualmente dele e das irmãs.

Passou, então, a sobreviver das esmolas que pedia em cruzamentos das avenidas principais da cidade. Conta esse período com muita tristeza, por ter sido marcado pela violência e discriminação. “Você chegar para uma pessoa, pedir uma moeda e ser chamado, na adolescência, de delinquente, não é muito fácil”. Chorava quando era humilhado, ao ser chamado de “trombadinha” e vagabundo pelos transeuntes.

Ricardo menciona o sofrimento da mãe, figura que aparece constantemente em seu discurso, da qual se lembra de forma saudosa em meio aos relatos de amarguras da infância. Retornou para casa aos dezessete anos, pouco antes de se alistar no serviço militar e depois de passar vários anos alternando entre a casa da mãe e a rua, onde pedia dinheiro nos faróis das principais avenidas e nos mercados da cidade.

Próximo de cumprir o tempo de serviço militar, foi expulso por roubar um pacote de velas. Retornando para casa, passou pouco tempo. Devido ao uso problemático de álcool, se envolveu em uma briga com a irmã e o cunhado, abalando a convivência do grupo que já possuía laços fragilizados. “Mãe, eu vou pra rua, minhas irmãs não me aceitam, meu padrasto não me aceita. A senhora não vai estragar seu casamento por minha causa. Eu me viro!”. Ricardo decidiu sair novamente para as ruas por não ser aceito pela família e para evitar, como disse, “estragar” o casamento de sua mãe.

O entrevistado passou um período de sua vida na prisão, local onde se converteu a uma religião evangélica. Nela, passou a se dedicar intensamente às atividades da igreja e, ali, também tinha um lugar para morar.

Casou-se com uma mulher que veio a lhe trair com uma pessoa que estaria ajudando a sair da rua. Momento difícil, de tristeza e sofrimento que o levou à tentativa de suicídio. O episódio provocou seu rompimento com a igreja e, conseqüentemente, seu retorno para a situação de rua.

Ricardo afirma que após a morte da mãe, as irmãs não o aceitaram mais em casa devido os problemas com o uso de álcool e o excluíram de possuir alguma herança em nome da mãe. Hoje, aos quarenta anos de idade, enfatiza em suas falas que é visto como “escória” pelos seus familiares.

“Na rua, o negócio é embaçado. O cara não pode ficar de costa pra nenhum canto!”

A história de Cláudio é permeada por inúmeras perdas e situações de violência, *“Meu pai me fez e sumiu. Minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos”*. Assim iniciou sua narrativa.

A mãe de Cláudio veio a óbito vítima de complicações no parto do irmão caçula. Ele e os irmãos passaram a viver com o avô, que tinha um temperamento colérico e acabou morto a tiros na frente das crianças durante uma briga. Logo em seguida, o assassino foi morto por um dos seus tios, no mesmo local.

A partir do ocorrido, Cláudio passou a morar com um tio e sua esposa, período relatado como sofrido e de escassos recursos materiais e afetivos:

“Depois que ela (a mãe) faleceu, um tio pegou um, outro tio pegou outro... Era muito ruim: a gente passava fome. A mulher do meu tio me batia muito, eu fiquei rebelde e não queria mais estudar. Aí, novo, com doze anos, fui inventar de beber e fumar cigarro. Fui ficando mais violento, só faltava bater no pessoal em casa...”

A relação entre ele e os familiares se tornou precária. A confiança nele havia sido quebrada devido o uso de álcool e drogas. Assim, os conflitos se intensificaram culminando na sua decisão de sair de casa: *“Rapaz, eu vou cair é no mundo!”*.

Montado numa bicicleta e levando consigo uma sacola de roupas furtadas, saiu da zona rural e foi parar nas ruas do centro de uma cidade. Cláudio tinha doze anos de idade. Lá chegando, iniciou o processo de relacionamento com um grupo de moradores de rua, tarefa que, segundo ele, não foi tão fácil. Isso se deu por meio do uso compartilhado de drogas e demonstrações de força, o que ocorria por meio das inúmeras brigas em que se envolveu.

Cláudio passou a se sustentar das doações de conhecidos que encontrava na rua, da guarda de carros e, ainda, de furtos que realizava eventualmente. O uso problemático de drogas, os roubos e as brigas de rua lhe renderam muitos desafetos e algumas passagens pelo sistema penitenciário.

O discurso do entrevistado é repleto de episódios violentos, nos quais narra as brigas em que se envolveu, a maioria devido a disputas pelas poucas mulheres que vivem na rua, pelos pontos de guarda de carros ou meramente pelo *status*, ou seja, a imposição de respeito nesse tipo de ambiente

Ao ser indagado sobre o que mais marcou sua história na rua, recebe destaque o episódio em que foi apunhalado, à traição, por um desafeto da rua: *“Essa furada que eu peguei nas costas... Nunca pensei num cara traiçoeiro assim. Por trás, é foda! A faca ficou dentro, quebrou o cabo. Isso marcou muito pra mim”*. Acrescentou ainda: *“Eu vacilei. Tava (sic) tomando uma e só senti a lapada. Chega quebrou! Se fosse uma faca grande, tinha me matado. Eu pensei que tinha sido um murro, aí vi a faca dentro (...)”*. O incidente lhe causou complicações médicas e a necessidade de internação.

A relação com a família permaneceu conturbada durante vários anos. Os conflitos se estenderam a tios e primos, tornando a possibilidade de viver domiciliado ainda mais difícil.

Destaca, também, em suas falas, o movimento alternado entre o viver na rua e o de passar breves períodos na casa do tio, no intuito de descansar um pouco, comer e dormir melhor. Descreve, ainda, ter estado numa penitenciária devido a problemas com a justiça, além de passagens por comunidades terapêuticas.

Durante as entrevistas, Cláudio estava fora das ruas há quatro meses, abrigado em um segmento da rede de atenção psicossocial, considerado por ele como uma oportunidade: *“Tô (sic) agarrando como se fosse minha última chance agora, pra (sic) mostrar para as pessoas que disseram que não tinha mais jeito que tem, né? (...)”*. Ele não intenciona morar com os familiares, pretende pedir uma ajuda a eles para pagar um aluguel quando sair da instituição. *“Eu quero seguir minha vida, eu vou pedir ajuda deles (família) pra conseguir pagar o primeiro mês de aluguel, o resto eu me viro”*. Cláudio, hoje com 25 anos, sonha em construir uma família, ter filhos e trabalhar.

“O primeiro dia que me dei conta que estava na rua, foi um peso em cima de mim”

Alberto inicia sua narrativa a partir de suas primeiras experiências com o uso de entorpecentes, que ocorreram ainda na adolescência, por volta dos catorze anos. As histórias contadas versam principalmente sobre a sua relação com as drogas e sua ida para as ruas, fatos apresentados como importantes marcadores de sua história de vida.

Conta que, nesse período, iniciou o uso de entorpecentes e, também, a auxiliar o tráfico na região onde morava. Dessa forma, Alberto começa uma trajetória que o conduziu à dependência química que, por sua vez, o levou a internações em comunidades terapêuticas, fora de sua cidade natal e até mesmo fora do seu Estado.

Durante o tempo em que morou no interior com os pais, passava semanas inteiras fora de casa. Entretanto, sua mãe nunca o deixou morar na rua e nem mesmo passar alguma necessidade:

“Enquanto eu morava na minha cidade eu nunca precisei morar na rua porque lá eu tenho a casa da minha mãe. A minha mãe nunca me deixou sair sujo de casa, nunca deixou eu morar na rua, nunca deixou eu passar fome”.

Após uma das internações em comunidades terapêuticas, Alberto passou a morar com um irmão. Segundo ele, foi uma época maravilhosa, em que, por aproximadamente um ano, ficou sóbrio, trabalhava, estudava e frequentava uma igreja regularmente.

Em uma fala angustiada, ele diz: *“Assim, eu me recupero, passo um tempo bom, aí eu recaio. Eu sempre esqueço que eu tenho essa dependência, tipo assim, eu esqueço!”*. Assim, introduz a história de uma nova recaída que abalou as relações que tinha na casa do irmão, sobretudo com a cunhada, que pediu que procurasse outro lugar para morar.

Alberto tinha um relacionamento amoroso com uma moça que conheceu na comunidade terapêutica em que ficou internado, quando esta visitava o pai, que também era interno. Diante do seu despejo da casa do irmão, alugou um apartamento, comprou alguns móveis e os dois passaram a morar juntos.

Durante o tempo em que viveram juntos, tiveram duas filhas e não lhes faltava nada, até que Alberto teve recorrentes recaídas no uso de drogas. Os seus rendimentos

passaram a ser gastos, em maior parte, com entorpecentes, comprometendo completamente o orçamento familiar, até não mais conseguir se manter nos trabalhos para os quais era contratado, devido as ausências ou mesmo por comparecer e não conseguir executar os serviços.

Diante dessas situações, suas ausências em casa eram cada vez mais frequentes, o que causou a separação do casal. *“Não fui mais pra casa: passava dois, três dias sem ir em casa. A última vez que eu fui em casa foi, quando eu cheguei lá, a mulher não tava (sic) mais! Tava (sic) só o apartamento limpo, ela tinha levado tudo lá pra casa dos pais dela”*.

Dessa maneira, sem a esposa e as filhas, sem trabalho e sem dinheiro, acabou indo parar na rua: *“Aí, foi onde eu me desesperei. Quando eu me dei conta que tinha acontecido tudo isso, estava sem jeito. Já estava na rua mesmo; não tinha mais nada”*. Alberto, à época da entrevista, tinha vinte e um anos de idade.

“Eu vou ficar na rua. Se eu não conseguir nada, eu me joga na frente de um ônibus”

“A minha vida ela não é muito boa não!”. Assim Rodrigo inicia sua história, contando que perdeu o pai aos oito anos, tendo que viver com os avós na zona rural.

O pai era o “rei do tráfico” da região onde moravam. A mãe cumpria pena em regime fechado por assassinato.

Considera que não teve infância e, até o início da adolescência, trabalhava na roça, ajudando os avós. *“Eu não tive infância. Meu primeiro presente foi um facão”*. Durante esse tempo, ouvia dos avós que o pai fora assassinado a mando da mãe. Essa informação causava dúvidas e conflitos entre os irmãos.

Aos doze anos, Rodrigo fugiu da casa dos avós para morar com a mãe, que havia acabado de sair da penitenciária.

Os primeiros anos morando com a mãe foram bons. Afirma que a respeitava, mas confessa que, desde então, percebia em si *“um receio, um pouco de ódio no coração”*, pois a mãe dispensava mais atenção ao enteado do que aos filhos biológicos. Parte dos anos em que morou com a mãe consumia e traficava drogas, desencadeando fortes desentendimentos entre os dois.

Após sair da casa da mãe, aceitou trabalhar para traficantes estrangeiros. A princípio, imaginava que seria um “*viajante*”, mas teve a “*infeliz surpresa*” de ser colocado no posto de segurança, função que o obrigava a matar ou morrer. Assim permaneceu por alguns anos, até que precisou fugir daquele local.

Narra que já fez “muitas coisas na vida”, salientando que a única coisa que não fez, pois abomina, foi “o crime de estupro”. Tal afirmação é seguida da confissão de ter matado um homem que tentou abusar do seu filho mais velho, o que lhe custou alguns anos no sistema penitenciário.

Rodrigo teve alguns relacionamentos amorosos. Com uma das ex-mulheres tem um filho de dez anos e mais um filho de três anos com a última esposa com quem deseja muito se reconciliar. Atribui a ela o motivo de ter despertado um Rodrigo “emotivo e pacífico” e deixado “adormecido o Rodrigo violento e sanguinário”.

Durante alguns anos, convivendo com a última esposa, considera que tinha uma vida excelente. Trabalhava. A família não passava necessidade, pois possuíam alguns bens e consumia drogas de forma controlada. Porém, com o tempo, o consumo se tornou problemático. Acabou perdendo o trabalho e as coisas que possuía se tornaram moeda de troca por entorpecentes.

Dessa maneira, a situação se agravou e foi morar na rua, pois a mãe foi presa novamente. Rodrigo, aos trinta e um anos, passou a ocupar as ruas da cidade e a viver de roubos, mendicância e programas sexuais. Durante o tempo que estava sob o efeito de drogas, esquecia-se de tudo. Segundo suas palavras, os sentimentos de tristeza e depressão eram abrandados.

ANÁLISES: UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA DA HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE MORADORES DE RUA

POR QUE EU FUI PARA A RUA? POR QUE EU CONTINUO NA RUA?

Sempre que se aborda o tema “moradores de rua” emerge a pergunta sobre os motivos que levam um indivíduo a fazer desses lugares sua moradia. De acordo com Kunz (2012), são frequentes as explicações que atribuem como causa das pessoas morarem nas ruas as questões socioeconômicas, políticas e, ainda, as consequências da globalização geradoras de exclusão social e desemprego.

Não pretendo desconsiderar esses argumentos, mas abordar outros aspectos que também se constituem relevantes para o entendimento de questões acerca de um segmento social heterogêneo, que têm, em seu bojo, fenômenos complexos e multifacetados, os quais exigem olhares múltiplos.

Os vínculos familiares fragilizados e a não convivência familiar ou comunitária permanente configuram-se como um dos motivos mais comuns para a ocupação das ruas, característica que se apresenta, de forma contundente, nas narrativas dos participantes deste estudo.

Começo por Paulo, que foi espancado pelo padrasto durante parte da sua infância e adolescência. Ele narra: “Ele não era meu pai, mas ele não batia como um pai batia. Ele batia (barulho gestual)... Ele era fortão e eu era criança... Uma das vezes, um vizinho teve que me acudir”. Os episódios de agressão perduraram por anos, gerando inúmeros sentimentos de revolta, expressos nas perspectivas acerca de seu futuro contrastante ao desejo de seus responsáveis. Paulo segue dizendo: “Em vez (sic) de vocês verem eu (sic) casando com uma menininha certinha da igreja, sendo chamado de senhor, vai ser o contrário. Vou aparecer na página policial, vou ser ladrão, vou usar droga”. Em meio a falas carregadas de conteúdo afetivo, diz, ainda, sobre seus sentimentos: “Não me sinto bem, não tô (sic) tranquilo, não tenho estrutura familiar... Entendeu?”.

Ainda na adolescência, Paulo se mudou para outra cidade, junto com a mãe e o padrasto. Lá, passou a ter uma vida noturna agitada, frequentando casas noturnas e consumindo substâncias lícitas e ilícitas:

“Cheirava pó e usava outros tipos de drogas. Aí, eles (companheiros de rua), ficavam na droga, ficavam na rua quatro, cinco dias, sete dias, quinze dias. Às vezes, todo sujo e tal. Mas, eles tinham, por exemplo, eles iam pra casa: ‘Ah, hoje eu vou pra casa’. Ficavam lá dois *dias*, três *dias*, voltavam pra rua de novo com uma roupa limpinha, bonita e tal, bem descansado. E eu fui, fazendo a mesma coisa.”

Essas primeiras experiências com a rua são narradas como marcantes em sua história de vida, pois representam uma “libertação” da violência vivenciada em casa e significam o contato com ideias sobre comportamento e planos de vida extremamente diferentes daquelas que lhe eram expostas e predominantes em seu meio social. O aprendizado de outro modo de vida também começava ali.

A ida de Paulo para as ruas se iniciou na adolescência e ocorreu de forma gradativa, com um longo período de alternâncias entre a rua e o espaço doméstico – que seria um movimento característico de muitos adolescentes que tiveram experiência de vida nessas condições (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Varanda (2009), ao se referir a crianças e adolescentes que se afastam intencionalmente de suas casas, postula que isso se deve à qualidade das relações estabelecidas no meio familiar, que, geralmente, são frouxas ou extremamente hostis ao jovem. Ele também menciona a rua como convite ao lazer e ao aprendizado, experiências pouco acessíveis a jovens em condições sociais precárias. Prova disso deve-se ao fato de ter sido, no espaço da rua, que o entrevistado desenvolveu significativas experiências de socialização, considerando o conjunto de suas vivências como uma espécie de “preparação” para a ocupação das ruas posteriormente.

Os vínculos com os pais ou cuidadores, que são fundamentais para o desenvolvimento nos primeiros anos da infância e durante a adolescência, aparecem fragilizados no discurso de Paulo. O pai se mudou para o interior de Rondônia e Paulo o conheceu apenas quando se tornou adulto, quando foi procurá-lo. Já a mãe aparece como um ente omissor, por não demonstrar nenhuma atitude em relação à truculência do padrasto. Porquanto, ele afirma: *“Minha mãe se defende. Diz que não podia fazer nada, que não sabia nada de lei... Meu pai, então, tava aqui enrolando, nem aí, né (sic)?”*.

O discurso de Paulo também apresenta queixas em relação à madrasta, com a qual estabeleceu uma relação conflituosa ao se aproximar do pai. Sua presença na família reverberou como uma ameaça: *“Vocês se fodam! O que for acontecer da vida aqui, tem que lembrar que o Paulinho é o filho mais velho! Eu sou o filho mais velho da dupla! Eu num vim aqui atrapalhar vocês, quando você ficou com meu pai e tal, eu já*

existia. Você bem sabia disso!”, diz ele como protesto e forma de demarcar um lugar no grupo familiar.

Paulo fantasia que, se tivesse crescido perto do pai, teria outra história de vida e vivido outras experiências como, por exemplo, êxito na carreira musical, por tocar e cantar muito bem e já ter participado de festivais musicais. Com um relato permeado de pesar e indignação, afirma que seu genitor investiu apenas na educação dos outros dois irmãos, restando a ele, nessa família, os lugares de “*esquecido*” e “*noiado*”.

Segundo Vieira et al. (2004) ao se abordar o tema família, junto aos moradores de rua, observam-se momentos repletos de cargas afetivas que desvelam rupturas, desilusões, bem como sentimentos de abandono e agressividade.

Ricardo também iniciou cedo suas experiências na rua, ainda na infância. Rompeu com a família, como forma de escapar das relações tensas com o padrasto que abusava sexualmente dele e das irmãs, retornando para casa somente anos depois, por um breve período de tempo. Sobre isso, ele diz: “*Fui criado por padrasto. Fui estuprado por ele. Foi por isso que fui pra rua, por causa dessa revolta*”.

Após a morte da mãe, os conflitos entre Ricardo e as irmãs se intensificaram, desvelando, ainda mais, a debilidade de suas relações. Além disso, a casa onde residiam não seria mais um ponto de apoio para ele:

“Minha família, minhas irmãs, chegou pra mim e falou: “Ninguém vai te dar nada, nós não gostamos de tu nem um pinga e pode ir embora, não venha pra cá não! Nós não quer (sic) saber de ‘pé inchado’ aqui em casa não e pra encurtar a conversa nos vamos vender aqui e pode esquecer que dinheiro tu não tem não!”.

Cláudio, que começou a ocupar as ruas na adolescência, apresenta uma história pregressa repleta de perdas e submissão a vários tipos de violência. Seu depoimento se inicia falando sobre o pai e a mãe: “*Meu pai me fez e sumiu. Minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos*”. Sua mãe faleceu em razão de complicações no parto do filho caçula, o que levou as quatro crianças a serem criadas pelo avô.

Não muito tempo depois, o avô, que era considerado um velho do tipo “*brabo*” (*violento hostil*), durante uma discussão, sacou uma faca para um desafeto, ao que Cláudio exclama: “*mas o cara tava (sic) armado e era mais doido do que ele*

(*silêncio*)...”. O tema é abordado pelo narrador com extremo pesar e considera todo o ocorrido como uma falta de sorte, um grande infortúnio:

“Eu nunca tive sorte! Quando minha mãe faleceu, meu vô pegou *nós* (sic) pra criar, mas um cara matou ele na nossa frente. Deu um tiro no peito, assim (demonstração gestual). Ele caiu de boca aberta. Aí, o *vêi* (sic) (assassino) deu outro tiro dentro da boca, isso por causa de uma discussão e nós *era* (sic) muito pequeno. Aí, meu tio de consideração, que meu vô (sic) criou, chegou por trás e deu uma terçadada nesse *vêi*. Chega “rolou” o pescoço. Esses tio (sic) são ruim, já mataram um monte... Tempo desse ele matou um lá de facada e não passou nem três meses preso já tá (sic) solto, mas foi embora atrás da mulher dele.”

Após essa série de fatalidades, que marcaram profundamente os primeiros anos da vida de Cláudio, cada tio pegou uma criança para cuidar. Sobre isso, Cláudio diz: “*Aquela criação* meia (sic) *assim, sem nada, sem estudo, sem nada*”. Nesse ponto, de seu discurso, “nada” parece significar o mesmo que “sem afeto”, “sem carinho”, “sem cuidado”.

O período em que morou com o tio é considerado por ele como “muito ruim”, devido as dificuldades materiais que enfrentavam e a relação conturbada com a esposa do tio:

“Era muito ruim: a gente passava fome; a mulher do meu tio me batia muito; eu fiquei rebelde e não queria mais estudar. Aí, novo ainda, com doze anos, fui inventar de beber e fumar cigarro. Fui ficando mais violento, só faltava bater no pessoal em casa... Não aguentava mais também! Eu lembrava quando ela me batia, né? Aí, eu resolvi sair de casa e ir pra rua.”

Os principais fatos que antecederam sua ida para as ruas contêm, como principais traços, a extrema violência e a fragilidade das relações familiares que lhe restaram após a morte da mãe e do avô.

Embora tenha ocupado as ruas somente na idade adulta, Rodrigo também tem uma história de rupturas durante a infância e adolescência. Aos oito anos, perdeu o pai, que foi assassinado, possivelmente em virtude do seu envolvimento com o tráfico de drogas, prática comum entre os seus familiares. A mãe cumpria pena em um presídio por assassinato. Assim, sua criação ficou a cargo dos avós que viviam na roça.

“*Eu acho que eu não tive infância*”. Com essa afirmação, Rodrigo sintetiza o período em que viveu com os avós, os quais lhe forneceram uma criação muito rígida .

Segundo ele, nesse tempo, apenas trabalhava e estudava, sem direito a diversão e rememora, em tom de lamento, em uma de suas , o seu primeiro presente de aniversário: *“Meu primeiro presente foi um facão. Quando eu tinha nove anos, meu avô me deu um facão e eu já comecei a trabalhar na roça”*.

Outro fato marcante é que, durante esse período, os avós acusavam sua mãe de ser a mandante do assassinato de seu pai:

“Quando mataram meu pai, os meus avós influenciaram muito: botaram na nossa cabeça que tinha sido ela (mãe) que tinha mandado matar nosso pai. Eu nunca acreditei. Meu irmão sempre dizia que, quando fosse grande, ia matar nossa mãe, mas não; depois a gente foi crescendo e sabendo a verdade. *Nós tinha* (sic) um pequeno “amorzinho” pela nossa mãe, minha mãe biológica, mas nunca é como pela minha mãezinha que morreu (avó), nunca é! Eu tenho, assim, um receio com a minha mãe (biológica), porque ela dá mais atenção para um cara que não é nada dela, filho do marido dela, e nós, que somos filhos biológicos dela, ela não deu atenção suficiente. Eu tenho receio, eu tenho, tipo assim, um pouco de ódio, entendeu?”

Essa fala traz à luz a fragilidade da relação afetiva do grupo familiar, o qual foi marcado, desde cedo, por graves rupturas. Aos doze anos, Rodrigo fugiu da casa dos avós para morar com a mãe que havia saído da prisão. Entretanto, a relação dos dois foi se deteriorando devido os constantes conflitos, sobretudo em função da relação que teve com o tráfico de drogas dos catorze aos dezoito anos.

Posteriormente, Rodrigo teve alguns relacionamentos amorosos. Com a primeira esposa, teve um filho e, com a última, mais um. Sua narrativa privilegia especialmente histórias acerca do último relacionamento, inclusive com referência a pontos que tencionaram a relação, provocando o seu fim como, por exemplo, o uso problemático de drogas e as tentativas de suicídio.

A mãe e irmão foram presos novamente, o que, somado à relação conturbada com os demais familiares, o obrigaram a ocupar as ruas constantemente. Sobre isso, Rodrigo assim diz:

“Aconteceu desse jeito pra *mim* (sic) ficar na rua: Eu tenho vó (sic) materna, tia... Mas, nenhum gosta de mim porque, logo que eu comecei a usar pasta base, eu roubei eles (sic). Eu mentia pra eles. Lá na minha vó, eu roubei uma bicicleta e troquei. Eu não podia ir lá. Então, eu preferia ficar na rua.”

Sobre a ida para a rua, diz ainda: “*Eu disse pra mim mesmo: ‘Eu vou ficar na rua e se eu não conseguir nada, me jogo na frente de um ônibus’*”. Rodrigo não apenas o fez concretamente, tentando suicídio ao se lançar na frente de um ônibus que conseguiu desviar, mas lançou-se, também, em sentido mais amplo, à sorte da vida na rua.

Dessa forma, compreende-se que as dificuldades emocionais de um grupo familiar exercem forte pressão na decisão do sujeito de abandonar a vida domiciliada, sobretudo no caso de jovens. Assim, circunscreve-se um aspecto importante: a existência de uma escassez, que nem sempre é de ordem material ou econômica, mas afetivo-emocional, estando, portanto, no campo psicológico.

Na história de Paulo, outro vínculo significativo rompido foi com uma namorada, que, em seu depoimento, aparece elencado como um dos motivos que levam alguém a morar na rua. Sobre isso, diz: “*É o seguinte: o que causa a pessoa vim pra rua é a família mesmo ou uma namorada. Deu errado entendeu?*”. A família da moça era contra o relacionamento dos dois, devido ao comportamento dele. Continua: “*Por causa da minha história... Eu já tinha um pensamento muito doido, entendeu?*”.

Com o fim do relacionamento dos dois e os conflitos entre Paulo e a família da ex-namorada, iniciou-se um processo de sofrimento intenso pela perda do objeto amado, levando-o a um uso abusivo de drogas.

“Eu não tinha força, não tinha força, por exemplo, de me manter como um cara normal, entendeu? Por exemplo, trabalhar, estudar e ir pra igreja, cumprir os princípios... Vamos dizer assim, né (sic)?... Eu *tava* (sic) apaixonado e queria que eles me *entendessem*. Usava cocaína e bebida, muita bebida. Tipo assim, focava nesse motivo (fim do relacionamento), entendeu?”

Ter um “pensamento muito doido” para ele significava pensar e se comportar diferente das convenções sociais. O discurso de Paulo denota que consumir drogas, frequentar casas noturnas e conviver com outros segmentos sociais destoavam do restante da sociedade, pelo menos na qual ele nasceu e foi educado.

Paulo também traz algo semelhante ao relato de Ricardo, como sendo o fato gerador para ter ido para as ruas: ter sofrido uma desilusão amorosa. Morava com a esposa e um rapaz, ex-morador de rua que foi acolhido por eles. Todos moravam nos fundos da igreja da qual eram membros, até Ricardo flagrá-los juntos. O fato, somado a expectativas frustradas com relação ao sacerdote da igreja, o desestabilizou, o que fez com que voltasse a beber e viver na rua. A dificuldade de lidar com o contexto e o

turbilhão de sentimentos o fez tentar suicídio. “*Não faço com ela, mas vou fazer comigo*”, *concluiu*.

Paulo e Ricardo provavelmente tenham sido como muitos outros moradores de rua, “impelidos pelo desejo de conhecer e gozar o mundo, sofrido o julgamento moral dos que ficaram em casa, mas envoltos pela necessidade de expansão de si e de ultrapassar os limites de contenção do ambiente familiar” (VARANDA, 2000, p.39).

Ambos os entrevistados tiveram, entre seus motivos para o caminho de ocupar as ruas, a violência, maus-tratos, desavenças com familiares e situações marcantes de separação. Suas narrativas demonstram sentimentos variados, que vão da auto culpabilidade ao sentimento de abandono. Na fala de Paulo, vemos:

“Também chega uma hora que, também, vem aquela verdadeira, né (sic)? Se você não fosse tão ruim, né (sic) velho? Se não fosse tão teimoso, né (sic)? Tu não ia tá (sic) aí também. Claro que eu tenho que admitir as coisas também, né (sic)? Não é só dizer que eu *tô* (sic) certo. Minha mãe não me ajudou em nada... Tudo bem que *cê* (sic) tem que respeitar, “marrapaiz!”. Minha mãe não me ajudava nada, não me deram nada...”

Ricardo, por sua vez, disse: “*Eu me sinto um zero à esquerda*”, “*a escória, como minha família me considera*” e, ainda, “*eu não presto pra nada, a não ser pra beber*”. Cláudio, na mesma direção, também traz algo em seu discurso:

“Eu perdi muita coisa, cara! [...] Mesmo com os problemas que acabam acontecendo, se eu tivesse procurado melhora, só procurava piora, por isso hoje eu *tô* (sic) pagando. Deus já me deu várias chances de mudar de vida e eu joguei tudo fora, passei altos e baixos”.

Um fato da história recente de Paulo levou a fortes ressentimentos em relação à sua mãe. Ambos trabalhavam em uma fábrica de estofados e dividiam o aluguel de uma casa. Fazendo planos para o futuro, propôs que financiassem um terreno juntos para, posteriormente, construírem um “*barraco*”. Mas a mãe optou por morar sozinha em outra casa alugada, deixando-o com o custeio do imóvel que dividiam. Para ele, isso tornou sua situação econômica penosa, motivou profundas mágoas para com sua mãe, contribuindo ainda mais para sua desvinculação familiar.

Segundo Albuquerque (2009), o sujeito morador de rua, ao se desvincular da família ou da comunidade de origem, perde o seu lugar no mundo. Paulo, em meio a

sentimentos depressivos, se pronuncia em relação a um lugar que um dia ocupou na sociedade e ao lugar que agora ocupa:

“Nunca deixo de sonhar; sempre tenho uma esperança, mas, na mesma hora, me vem aquele pensamento: “Não dou certo não, é isso aí o problema, é esse aí”. Por exemplo: eu já tive mais ou menos bem na minha vida, mas já peguei algumas coisas da lixeira pra comer, entendeu? Dá vontade de não querer voltar mais a ser alguém, assim, no quadro da sociedade. Dá vontade de continuar sendo podre mesmo. A gente pensa: “Poxa, que altura da vida que eu cheguei, hein?”. Dá uma tristeza, dá uma limitação na mente, assim, um negócio meio ruim, entendeu?”

Apesar da desvinculação afetiva do contexto sociofamiliar e do tempo morando nas ruas, sentimentos ambivalentes aparecem no seu discurso, polarizando a vida na rua de um lado e a vida domiciliada de outro. O entrevistado acrescenta, ainda, em outro ponto da narrativa: *E eu moro na rua, mas muita coisa eu num (sic) gosto, sabe?”*.

A vivência na rua pode se configurar como fonte de alívio e escape às pressões familiares, à vida regulada pelo trabalho e a determinadas normas sociais convencionais. Daí, o fato comumente observado em populações de rua, como considera Silva (2000): movimentos de alternância entre a rua e o domicílio.

Ainda nesse sentindo, o depoimento de Paulo chama atenção para o comportamento de alternância. Em alguns períodos, morava nas ruas e, em outros, vivia domiciliado e trabalhando em empregos formais com carteira assinada. Para ele, viver na rua é muito “desgastante”, pois aguentar tanto tempo na rua, principalmente de forma ininterrupta, tem que ser, como ele mesmo afirma, “*fudidão*”. Até o momento de nosso encontro, contabilizava estar nas ruas de Porto Velho há aproximadamente dois anos, incluídos alguns períodos em albergues e comunidades terapêuticas.

A alternância também fez parte da história de Cláudio, que revezava-se entre a rua, pousar, durante alguns dias, na casa do tio ou se internar, por breves períodos, em comunidades terapêuticas das quais saía antes de concluir o tempo previsto. “*Rapaz, eu passava uma semana em casa, ia para o centro de recuperação passava um mês voltava pra rua de novo, essa é a terceira vez, pô! Espero que seja a última, mas não por morte*”, afirma. Em seu depoimento, também menciona ter passado alguns períodos de tempo cumprindo pena no presídio da cidade.

Ricardo narra períodos de alternância, em que retornava em casa apenas para ver a mãe e fazer algumas refeições que ela preparava para ele. Sua vida foi, em boa parte, na rua, da infância à adolescência, excluindo o período no serviço militar, retornando às

ruas por mais algum tempo, até ser acolhido em uma igreja na qual residiu por alguns anos até sua separação.

A seguir, um fragmento da entrevista que denota indícios do movimento de alternância de Ricardo.

“Já que ninguém gosta de mim, vou ficar fazendo o que aqui (em casa)? Se eu *tô* (sic) sendo um “zero à esquerda”, então meu lugar é a rua novamente. Aí, cheguei pra minha mãe e falei: “Mãe, a partir de hoje, a senhora não me vê mais aqui, eu vou pra rua! Minhas irmãs não me aceita (sic), meu padrasto não me aceita e a senhora não vai estragar seu casamento por minha causa, então eu me viro! Eu me viro!”

Um grande número de moradores de rua adultos, assim como Paulo, apresentam marcas de isolamento, causadas pelos processos de ruptura.

O comportamento de isolamento se repete nas ruas, comprometendo a construção de novos vínculos e o desenvolvimento da sociabilidade devido aos conteúdos conflitivos anteriormente experienciados (ROSA, 2005).

Indagado se teve outros relacionamentos amorosos após a desilusão, Paulo diz: “Sério não, só coisa passageira mermu (sic), pô! [...] Essas muié (sic) de rua, sabe, num “vira” não.” Por isso, prefere andar sozinho a fazer parte de grupos, ou ter uma companheira, pois se considera individualista, não querendo dividir nada com ninguém. Para ele, ter uma companheira ou mesmo fazer parte de grupos representa sinônimo de mais vulnerabilidade. Paulo reconhece que, após uso recorrente de crack, não consegue se entender bem com outras pessoas.

Jorge, em seu relato, disse que sempre foi “*trecheiro*” e que nunca casou porque gosta de “*viver no mundo*”. Em mais de trinta anos de trabalho, morou em diversos estados brasileiros, trabalhando na construção de barragens e tendo uma vida itinerante. Orgulha-se por conhecer um “*pedacin*” do seu país, pelo que é possível inferir que, nesse longo espaço de tempo, não tenha se fixado em nenhum lugar ao ponto de desenvolver uma convivência permanente com uma comunidade.

A história de itinerância por várias regiões do país, ora como trabalhador da construção civil, ora como morador de rua, permite deduzir que faz parte do contingente

de trabalhadores que tinham, como moradia, o alojamento de grandes obras que são provedoras de abrigo e alimento, mas que, na perda do emprego, ficava sem moradia.

A relação conflituosa de Jorge com a polícia aparece em vários trechos de sua narrativa. Conta que foi agredido e ameaçado de morte por um policial, em diversos momentos. Em um dos episódios de conflito acabou expulso do ponto onde vigiava carros em uma das principais avenidas da cidade e atribui a esse fato a causa recente de sua ida para as ruas, pois era com a renda dessa atividade que custeava o aluguel de um quarto.

SOBRE A PERMANÊNCIA NA RUA

Os motivos para a permanência em situação de rua demonstram-se como variados e, por vezes, emerge como um conteúdo perturbador. Além disso, são intrínsecos à subjetividade de cada um. Nessa seção, objetivamos demonstrar alguns motivos passíveis de serem observados a partir das narrativas dos entrevistados.

O uso problemático de substâncias psicoativas, unânime entre os entrevistados, aparece arraigado às suas histórias, como uma constante. Sabe-se que tal padrão de uso constitui-se como fator para a ida e também para permanência das pessoas em situação de rua.

Dados da pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) (2009) demonstram que problemas de alcoolismo e/ou drogas foram um dos principais motivos que levaram os entrevistados à situação de rua. Observa-se que, dentre os participantes desta pesquisa, o uso de drogas aparece como um fator preponderante para a situação de rua, ora como desencadeador de rupturas, ora como consequência delas, tal como postula Alcântara et. al (2015, p.132): “No processo de desvinculação sociofamiliar e com o mundo do trabalho, o uso abusivo de álcool e outras drogas também se faz presente, seja como causa e/ou consequência da desvinculação familiar e/ou laboral, e da vida na rua”

A narrativa de Alberto, por exemplo, retrata essa questão, ao mencionar a dificuldade em se manter trabalhando por conta do uso de drogas. *“Meu problema foi só se agravando, entendeu? No decorrer desses anos, eu arrumei trabalho, perdi vários trabalhos... O meu problema foi só se agravando e eu não conseguia passar muito tempo sóbrio”*. As rupturas com o universo laboral se repetiram e foram se tornando cada vez mais intensas, culminando na ruptura familiar, quando a esposa abandonou o apartamento onde moravam levando os filhos.

De acordo com estudos de Snow e Anderson (1998), o alcoolismo configura-se como um dos principais fatores que levam as pessoas à rua e, também, que os fazem permanecer em tal condição. Os depoimentos coletados apontam para esta confirmação. Paulo diz: *“Se ele for [para a rua] ele num aguenta o batidão, vai tomar cachaça; se não tomar cachaça, vai se drogar. O quadro vai aumentando...”*. Jorge se identifica como alcoolista: *“Aqui nós num (sic) usa droga, entendeu? Nós é ‘alcoólico’, né (sic) não? [dirigindo-se a um companheiro de rua]. Nós somos ‘alcoólico’ (sic)...”*. Ricardo

também se caracteriza como alcoollista, ao mencionar a bebida como fonte de felicidade e satisfação nas ruas e enfatizar seu consumo. “*Eu tenho que tomar de três a quatro garrafas de álcool*”.

O uso de álcool e outras drogas entre moradores de rua é bastante comum devido ao efeito anestésico e atenuante, exercendo a função de amenizar preocupações, tornar a realidade mais suportável e abrir um espaço singular e pessoal para além da realidade desgastante.

Considera-se, ainda, sua utilidade não apenas para lidar com necessidades físicas como a fome ou o frio, mas, também, contra as angústias e medos frequentes de quem vive na rua como os percalços da história de vida de cada um, os sentimentos depressivos, as angústias existenciais e a obtenção de fugas em processos psicológicos (SNOW, ANDERSON, 1998; PERES, 2001; VIEIRA, BEZERRA, ROSA, 2004; MATTOS, FERREIRA, 2005).

Peres (2001) acrescenta que o consumo de bebidas alcoólicas possui estreita ligação com a necessidade de esquecer dificuldades da vida, ligadas a frustrações e fracassos do passado, à dura realidade do presente e à ausência de perspectivas futuras, reforçando, dessa maneira, o sentimento de desesperança. Podemos considerar que o uso de outras drogas também realiza essa função, viabilizando a evasão da difícil realidade com a qual se depara o morador de rua e produzindo efeitos fugazes de alívio e tranquilidade.

Um trecho da narrativa de Ricardo pode demonstrar, como exemplo, um desses efeitos: “Felicidade por conseguir, no momento, aquilo que eu quero que é o álcool. A minha maior alegria é quando eu tô (sic) com uma garrafa de álcool na mão. Aí, eu fico tranquilo”.

Alberto também apresenta, em seu depoimento, experiências marcadas pelo uso de substâncias psicoativas. “*O primeiro dia que me dei conta que estava na rua, foi um peso em cima de mim*”, diz sobre sua percepção ao chegar à rua, e segue contando, em tom lamentoso, sobre a perda do trabalho, do conforto da vida domiciliada e o afastamento da família, causa de sentimentos de revolta e negação. Para lidar com essa realidade, intensificou o uso de drogas.

“Eu me aprofundi mais porque o dependente químico, muitas vezes, usa pra esconder o problema, pra não passar pela (sic) aquela situação, tipo, pra (sic) aliviar. A minha intenção foi essa, usar mais pra esquecer. Em vez de encarar o problema de frente, eu fui usar mais e mais, entendeu? Eu fiquei só na rua procurando mais (drogas)”.

A vivência de Rodrigo também apresenta similitudes: o fato de estar entorpecido o aliviava das preocupações familiares. *“A droga servia pra me consolar. Bem, eu achava que me consolava e apagava a minha memória, a minha lembrança, porque eu tava (sic) na rua, mas meu pensamento era direto em casa”*. E diz mais sobre seus efeitos. *“Depois que eu fumava o primeiro ‘bagulho’, eu já esquecia tudo”*.

Mattos e Ferreira (2005) e Moura Júnior (2012) também afirmam que as substâncias psicoativas servem para encorajar o morador de rua a mendigar, diminui a vergonha provocada pela situação de rua e até mesmo os fazem esquecer que nela vivem. Mattos e Ferreira (2005) apontam, ainda, as drogas como elemento de socialização e de manutenção de determinados vínculos estabelecidos na rua.

Cláudio, ao contar sobre sua inserção em um grupo de moradores de rua, fala sobre a dificuldade e a estratégia utilizada. *“Se entrosar assim, nessas roda (sic), é difícil! O cara novato, assim, os cara fica (sic) olhando: ‘Rapá, quem é mermu (sic) esse bicho aí?’*. Sobre sua estratégia:

“Rapaz, pra se entrosar é o seguinte: tu chega e fala assim: “Onde é que tem um ‘goró’ aqui?” “Ali! Vamo lá comprar!”. Comprei um, comprei outro. Chegou um ‘noiado’: “Como a gente faz pra fumar um?”, “É só comprar, né?”. “Sobrou vinte reais, vamo lá!”. [...]. Foi assim que comecei a me entrosar.”

Uma das principais causas da situação de rua, bem como o aumento de incidência e reforço da manutenção dos sujeitos nessa condição é o desemprego (MENDONÇA, 2006; MOURA JR., 2012). É importante mencionar ainda que a falta de oportunidades de trabalho também contribui para a permanência nas ruas.

Moura Jr. (2012) aponta que a falta de documentos civis, imprescindíveis para empregabilidade, agrava o desemprego no caso das populações de rua, que, recorrentemente, não possuem documentos, o que “repercute na dificuldade de obtenção de emprego, de serviços públicos e no exercício da cidadania” (p. 91). Em nossos achados, Paulo e Jorge, que tiveram documentos e outros pertences extraviados, relatam ter enfrentado dificuldades para obter novos documentos, acessar serviços públicos e, de maneira geral, de se acomodar na cidade.

A baixa escolaridade, predominante na maior parcela da população de rua, também se apresenta como um fator de manutenção dessa situação (MATTOS; FERREIRA, 2005; MENDONÇA, 2006; MDS, 2009). Dos colaboradores dessa

pesquisa, apenas Alberto declarou ter concluído o Ensino Fundamental; Cláudio, Paulo, Ricardo e Rodrigo cursaram até o sétimo ano desse mesmo ciclo e Jorge, até o quarto. No caso de Jorge, isso se agrava devido à idade, pois faz parte da categoria de homens idosos moradores de rua.

Embora ainda sejam poucos os estudos que abordam as duas categorias, sabe-se que a população de idosos nessa situação tem se acentuado (MATTOS; FERREIRA, 2005). Jorge demonstra como se percebe. *“E aí o seguinte: e o cara véi (sic), igual eu, serviço é um... é difícil de arrumar...”*.

Alternar períodos estabelecendo relações formais, bastante comuns a pessoas domiciliadas, e períodos nas ruas é um movimento frequente nas populações de rua, podendo ser considerado como traço característico de uma vivência permanente nesse ambiente, como nos apontam os estudos de Snow e Anderson (1998), Mattos e Ferreira (2005) e Kunz (2012). As experiências dos entrevistados também revelam comportamentos oscilantes de períodos na rua e períodos morando com familiares ou outras pessoas.

Consideramos como permanência na rua também os períodos de alojamento em albergues, abrigos, pensões e comunidades terapêuticas, que são dispositivos utilizados por moradores de rua. Paulo, por exemplo, está na rua há praticamente dois anos consecutivos, mas nem sempre foi assim.

“Não foi assim direto, só na rua. Por exemplo, que nem eu tô (sic) aqui em Porto Velho há dois anos, só na rua! Fiquei em casa de recuperação, na rua, aqui no albergue também, mas o cara ficar dois anos *são* setecentos e tantos dias. Esses dois anos só na rua, meu irmão, é cruel! Só na rua! Esses setecentos e poucos dias, o cabra tem que ser fodão pra aguentar. Desgasta muito, desgasta pra *porra!*”

A alternância entre a casa e a rua, movimento constante, realizado por Paulo, sugere experiências vivenciadas em dois cenários, semelhante a universos paralelos. Um, que consideraremos como representado por uma dada ordem social que, em seu discurso, aparece nomeada com alguns marcadores tais como frequentar a igreja, casar com uma moça religiosa, ter filhos, estudar, cursar uma faculdade, trabalhar etc. Em síntese, como ele mesmo afirma, “cumprir os princípios”. Outro, paralelo, é o representado pela rua, os “macetes” para sobreviver, um modo alternativo de vida, viajar de cidade em cidade etc. Resumindo: a ida para rua, bem como a permanência nela.

Essa separação é observável em vários pontos do discurso do entrevistado. Por exemplo, ao enfatizar suas ideias diferentes e sua forma distinta de ver o meio social do qual fazia parte, assim como sua simpatia por segmentos sociais que possuem modos de vida diferentes da sociedade convencional, o que fica claro em sua fala, quando afirma “Eu sempre gostei desses caras meio ‘figura’ sabe? Eu admiro muito os *hippie*, os *punk*, os caras que andam muito doido pra lá e pra cá...”.

Ainda nesse sentido, Paulo menciona ter se encantado pela rua. Diante da indagação do significado desse encantamento, ele menciona o desejo que o tomava de querer saber como seria viver na rua. Esse ponto de sua narrativa nos remete ao texto de Varanda (2009, p. 39-40) ao afirmar que o modo de vida nas ruas “se reveste de algum encanto, na medida em que se trata de um estilo alternativo e ainda regado pelo uso de substâncias alteradoras de consciência”.

O mesmo autor assevera que o estilo de vida na rua é permeado pelo aparente reequilíbrio emocional, a satisfação de desejos, a expansão de si e a busca por autossuperação, que, por vezes, funcionam como resposta a sentimentos de desconforto e inadequação ao contexto sociofamiliar. No entanto, ocultaria um lado representado pela precarização e vulnerabilidade.

Ricardo também menciona sua ligação com a rua como se se referisse a dois universos através de um discurso permeado pela ambivalência, dizendo:

“Na minha concepção, eu nunca saí da rua, eu acho. Na minha concepção, eu nunca saí da rua porque sempre ficava aquele pensamento: eu tô aqui diante da sociedade, mas *tô* (sic) pensando em ficar na rua. Eu poderia ter saído (da rua) em corpo, mas em mente não”.

O seu discurso traz algumas ideias das sensações que experimentava ao viver como domiciliado como, por exemplo, a sensação de aprisionamento: “Isso aqui tá (sic) me prendendo, não é pra mim essa vida, eu prefiro aquela”. Ricardo demonstra, como ele mesmo nomeou, seus pensamentos dúbios através de uma comparação: “*Aquela coisa, assim, você tá (sic) comendo um pudim de leite, mas tá pensando no suflê de morango. Eu tava num canto, mas desejaria estar em outro*”.

Segundo Mattos e Ferreira (2005), quanto mais o sujeito vivencia a rua de forma contundente e concreta, as outras relações podem se tornar mais difíceis de serem retomadas ou de serem estabelecidas outras, que não, as da rua. Para Vieira et.al. (2004) isso se deve á dificuldade de aceitação social da população de rua, que tem sua

autoimagem maculada, dificultando os laços com o trabalho, a família e outros munícipes, visto que falamos de uma população constantemente estigmatizada.

Paulo, que antes sempre fora socorrido pela mãe ao lhe dar dinheiro, passagens e a garantia de abrigo em casa, não conta mais com essa possibilidade. Junto ao discurso, do qual emerge a mãe que sempre o socorria, há, também, falas carregadas de afetos sobre ela, que hoje lhe diria “não” caso pedisse uma passagem de volta para sua terra. Dessa forma, considera preferível não voltar pra casa, mas morrer viajando, o que significa permanecer na rua.

Para o pesquisado, retornar à casa da mãe não é uma alternativa. Ele relata, em tom de ressentimento, um episódio de desentendimento entre os dois. No trecho aqui transcrito, podemos observar alguns elementos que o motivam a permanecer nas ruas:

“Não vou voltar dessa forma. Prefiro morrer viajando, entendeu? Não volto com o dinheiro deles não. Posso até voltar, se um dia eu pague (sic). Juntar uma graninha, um capital pra mim (sic) passear. Também o que aconteceu comigo... O certo é eu num (sic) voltar mais, pô! Eu te contei: minhas coisas foram parar na rua, doido! Um dia eu posso ir lá buscar meus discos (que estão na casa da mãe), se eu puder vender... Eles eu posso buscar, sei lá”.

O relato de Ricardo também aborda tensões, ao tentar retomar o relacionamento com suas irmãs a cada vez que retornava da rua. Após a morte de sua mãe, as relações entre elas e ele foram completamente cortadas e o acesso à casa da família negado. Respondendo acerca dos motivos que o fazem permanecer na rua, conta sobre seus sentimentos:

“Três coisas: ódio, mágoa e rancor. São três sentidos diferentes e o quarto a sede da vingança. Dizem que a vingança é um prato que se come frio, né (sic)? Só que eu luto pra não fazer besteira. Luto contra mim, pra não fazer besteira, mesmo porque, se eu fosse pela minha carnalidade, eu já tinha tocado fogo com eles (familiares) dentro (da casa), pela crueldade. Eu jamais imaginava que as minhas irmãs iam fazer o que fizeram comigo.”

Dessa maneira, para ele, a residência da família não é mais uma alternativa à rua, nem mesmo por breves períodos de tempo. Além disso, estar longe de sua cidade natal lhe ressoa como um alívio, abrandando sentimentos hostis.

Para Cláudio, morar com familiares também não se constitui como uma alternativa possível, ao afirmar que não pretende mais morar com eles. *“O meu tio separou. Eles vão vender a casa e eu não quero mais voltar pra morar com eles, eu*

quero seguir minha vida. Eu vou pedir ajuda deles pra conseguir pagar o primeiro mês de aluguel, o resto eu me viro”.

Essas pessoas são, comumente, caracterizadas como “vagabundas”, “loucas”, “sujas”, “perigosas” e “coitadas”. Essas representações depreciativas constituem um material simbólico de influência negativa para a constituição da identidade de moradores de rua, os quais se apropriam delas e acabam por perceberem-se como mero objeto, sem vontade própria, o que contribui para seu processo de “coisificação”. (MATTOS; FERREIRA, 2004).

Segundo Jorge Broide (2000), quando um sujeito vai para a rua, os afetos que eram vinculados às instituições com as quais rompeu, tais como família, escola, trabalho, residência, são depositados na rua de forma condensada, gerando uma relação simbiótica com a rua. Nas palavras do mesmo autor, “o sujeito torna-se prisioneiro do vínculo simbiótico que estabelece com a rua, o qual se torna necessário à sua sobrevivência” (p. 31).

SOU DA RUA?! ESTOU NA RUA?!

Vieira, Bezerra e Rosa (2004) propõem uma classificação dos moradores de rua com base na cronificação do processo de estar nesse espaço. Apontam a existência de pelo menos dois sentidos na relação que o sujeito estabelece com a rua: o primeiro diz respeito a viver na rua como modo de vida, considerando a rede de relações complexas a partir do momento em que o espaço público se constitui como local de moradia; o segundo se refere à rua enquanto abrigo para as pessoas que dormem na rua eventualmente.

Não menos importante é a classificação que as autoras constroem quanto à condição de permanência dos sujeitos em situação de rua. A primeira condição é chamada de “ficar na rua”, ou seja, ocupar o espaço público circunstancialmente. A segunda, “estar na rua”, definida como uma ida recente para a rua, e uma terceira condição denominada como “ser da rua” e definida pela longa permanência, sendo esta situação considerada como um modo de vida.

As autoras dizem ainda que essas condições podem ser visualizadas em um *continuum* referenciado pelo tempo de rua, o qual, à medida que aumenta, torna estável a situação de rua. Logo, as situações se diferenciam pelo grau maior ou menor de inserção no universo que é a rua. Sair das ruas e executar ações como constituir uma família, trabalhar em um emprego formal e retornar à vida domiciliada e sedentária torna-se um processo cada vez mais difícil à medida que aumentam os anos vivendo na rua (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004).

Ainda segundo as autoras, o ponto que une essas situações é o fato de que, em condições extremas, esses moradores utilizam a rua como abrigo ou moradia de forma circunstancial ou permanente. Aqui, nos deteremos sobre as categorias “estar na rua” e “ser da rua”, partindo do pressuposto de que nelas se encaixam os participantes desta pesquisa.

Estar na rua consiste em uma situação na qual o sujeito utiliza o espaço público para pernoite, dormir ao relento, já que não se apresenta como uma circunstância ameaçadora. Passam a estabelecer relações com pessoas da rua e a conhecer novas alternativas de sobrevivência como, por exemplo, frequentar lugares que fornecem

refeições gratuitas e a utilizar o serviço de instituições assistenciais (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004).

Alberto, embora tenha passado poucos meses na rua, traz, de forma intensa, uma narrativa de quem vivenciou *estar na rua*. Seu depoimento denota o estabelecimento de relações amistosas com outras pessoas que viviam e/ou trabalhavam na rua e ainda outras não moradoras de rua. O cerne dessas relações consistia em compartilhar entorpecentes e conhecimentos relacionados a estratégias de sobrevivência. “*Tinha um cara que, quando eu tinha muita substância, eu usava com ele; me identifiquei com a pessoa dele, um cara tranquilo*”.

Alberto também tinha contato com um guardador de carros no centro da cidade que, eventualmente, cedia seu ponto para que captasse algum dinheiro. “*Eu vigiava carro. Tinha um rapaz lá que tinha o ponto dele. Eu chegava lá: ‘Rapaz, deixa eu fazer um troco aí?’; Ele: ‘Fica aí, pegando o dinheiro até inteirar um negócio pra ti’*. O depoente menciona, também, o contato com o restaurante que lhe fornecia alimentação:

“Questão de alimentação, eu me alimentava num restaurante. Quando dava duas horas da tarde, eles liberavam. Como sobra muito, eles liberavam alimento pra gente, entendeu? Quando a gente ia pedir nesses lugares, eles sempre falavam: “Passa duas horas, duas e meia”, que é a hora que eles já vão fechar e a gente pega o alimento que sobra em vez deles jogarem no lixo.”

Dessa maneira, eram constituídas referências nos sentidos de trabalho e de estratégias de sobrevivência na rua⁵.

“Ser da rua” talvez se apresente como a mais impactantes das categorizações e das afirmações que se possa fazer sobre o assunto, por conter, em seu bojo, um processo de cronificação dos sujeitos na situação de rua. Essas pessoas, gradativamente, têm extenuadas suas condições físicas e mentais, bem como estão expostas a várias formas de violência (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004).

Vieira, Bezerra e Rosa (2004) apontam que, nessa conjuntura, a rua assume uma dimensão de grande importância por representar o espaço onde se concentram as

⁵ As estratégias de sobrevivência serão abordadas em mais detalhes em um tópico específico posteriormente.

principais relações interpessoais, de trabalho e de captação de recursos das mais variadas naturezas.

Paulo, que utiliza, em seu discurso, termos como “encantamento pela rua” e “acostumar com a rua”, menciona sua trajetória destacando sinais do depauperamento provocado pelas condições peculiares dessa situação. *“Eu conheci o crack em 2005. Daí, pronto: Comecei a mexer nas coisas, vender... E definhando, ficando feio, horrível... Tu é doido! Aí, então, eu vim parar aqui, mas isso já tinha ido em oito estados”*. Em outro ponto, apresenta os seus efeitos: *“Desgasta muito, desgasta pra porra! Porque, na rua, é o seguinte: você acorda, não tem nem uma água pra lavar o rosto, não tem um centavo pra tomar café, já acorda mal humorado. Queira ou num (sic) queira passa, um filmezinho da vida na cabeça da gente”*.

No que diz respeito à violência à qual estão expostos os moradores de rua, destacamos algumas falas daqueles pesquisados que estão nela há mais tempo. Paulo diz em seu depoimento:

“A rua tem aquele canto frio, a chuva, o sol, a fome e a violência. Se tem um cara dormindo ali, vem um bacana, um playboy, qualquer tipo de pessoa: “Vamo bater nessa porra aí! Um cara desse aí não adianta tá (sic) vivo! Vamo (sic) espancar de uma vez!”.

A experiência de Ricardo também corrobora: *“Apanhei muito, tanto do mundo como dos outros. Tenho a cabeça quebrada, braço quebrado. Então, é a lei do cão, da sobrevivência”*.

Cláudio, em suas narrativas, demonstra uma série de experiências violentas vivenciadas na rua. Estas são consideradas como as mais marcantes em sua trajetória e que podem ser sintetizadas em uma de suas falas: *“Na rua, o negócio é embaçado: o cara não pode ficar de costa pra nenhum canto não”*.

Jorge também destaca, com bastante ênfase, situações de violência sofridas, principalmente por parte da polícia. *“Já aconteceu muitas vez comigo de o cara tá (sic) usando a droga dele ali, eu tô (sic) deitado aqui, a polícia vem querer bater em mim porque eu tô (sic) perto”*. Em outro trecho, acrescenta em tom de crítica: *“Só sabe ‘arrochar’ e bater no morador de rua... É só o que a polícia sabe fazer: é bater no morador de rua. Na rodoviária, cê (sic) num pode nem ir lá tomar um banho, que já tem um policial lá que quer bater em todo mundo e põe todo mundo pra correr”*.

Ele também relata que, ao ser expulso de um ponto onde guardava carros, após uma dessas abordagens truculentas, foi à corregedoria da instituição policial e ao Ministério Público protocolar denúncia e que em represália foi ameaçado de morte pelo policial que o expulsou. *“Ele já ameaçou, disse que vai meter a pistola na minha cabeça e puxar, o mesmo policial. A última vez, ele falou que ia meter a pistola na minha cabeça e puxar”*.

Uma característica intrínseca a “ser da rua” é o fato do “cotidiano ser pautado por referências como as “bocas de rango”, instituições assistenciais e determinados lugares da cidade onde se reúnem as pessoas na mesma situação”.

Cláudio se juntou a um grupo de moradores de rua que se reúnem na região central da cidade. Paulo, por sua vez, utiliza e troca informações sobre as “bocas de rango” das cidades por onde passa e também faz uso de instituições assistenciais. Na ocasião da entrevista, estava abrigado em uma unidade que compõe a rede de acolhimento da cidade.

ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO

Para Mattos e Ferreira (2004), ao viver na rua, o sujeito necessita desenvolver estratégias de sobrevivência e isso faz com que consolidem tal lugar como seu habitat, tornando, paulatinamente, mais difícil a saída delas. Paulo conta que, ao chegar à rua, não sabe “como vai ser”, “como vai fazer”. É tudo “surpresa”. Apesar dos sentimentos de vergonha, chega um dia que parece inevitável:

“Chega um dia que vai ser obrigado a pedir e, daqui uns dias, vai tá (sic) sabendo. Vai encontrar com pessoal na rua e vai ficar sabendo: “Ó, lá, em tal lugar, tem um pessoal evangélico que distribui, às vezes, comida pro pessoal na rua. Vai descobrindo esses meio de sobrevivência e vai continuando, entendeu?”

Ele acrescenta, ainda, uma estratégia utilizada para pedir nas ruas, característica de quem já está habituado com esse espaço:

“Quando a gente já vai acostumando com a rua, eu chego no moço: “É o seguinte, não tem como *cê* (sic) me arrumar um real seu pra mim (sic) *interar* minha passagem?” O cara vai andando ali e tal, pá!. Tem ou não tem essa abordagem na rua? Tem, né (sic)?”

O intuito aqui não consiste em criticar ações da sociedade, que são utilizadas pelos moradores de rua como estratégias de sobrevivência que os fazem permanecer nas ruas, mas trazer à tona, por meio dos depoimentos, a experiência dos que precisam utilizá-las, bem como seus sentidos e significados.

Habitar um lugar que não foi planejado para tal e nem mesmo projetado para o convívio humano, exige um complexo processo de adaptação que, no caso das pessoas em situação de rua, constitui-se como uma estratégia de sobrevivência. Portanto, para Costa (2006, p.32) “há diversas formas de habitar as ruas, dela e nela sobreviver”.

Segundo Vieira, et al. (2004), a população de rua costuma permanecer em lugares estratégicos, caracterizados por uma determinada ecologia, favorável à satisfação de suas necessidades, tais como alimentação, abrigo e trabalho.

A presente pesquisa mostra isso, pois alguns participantes deste estudo foram contatados em regiões da cidade assim caracterizadas, bem como mencionaram, em suas narrativas, a frequência em espaços como mercados, rodoviárias ou logradouros públicos como parques, pontes e largos.

Nesses locais, obtinham alimentação, doada por comerciantes, transeuntes ou comprada a preços mais baixos. Nesses espaços, também executavam serviços de carga e descarga, limpeza e guarda de carros, além de usar a estratégia do “manguêio”⁶.

Como forma de abrigo, alguns dos entrevistados afirmaram utilizar pontos de táxi ou moto táxi, quiosques, pontes, imóveis desocupados e marquises. *“Pra dormir, quando eu não durmo no ponto dos taxistas, vou no dos moto táxis, mas, ontem, foi ruim pra dormir: frio, hein! Ontem, foi chuva e frio! Nem o papelão deu jeito!”*, disse Ricardo sobre a noite anterior à entrevista. Alberto utilizava uma espécie de marquise, o compartimento dos relógios medidores de energia de um prédio residencial. *“Pra sobreviver na rua, eu dormia num lugar que tinham uns apartamentos. No lugar do padrão de energia, tinha uma casinha, eu dormia lá dentro, porque eu achava que era o lugar mais escondido dos inimigos”*. Rodrigo, por sua vez, utilizava pontes e quiosques como abrigo: *“Às vezes, eu dormia ali debaixo da ponte com algum amigo, amigo não, um parceiro usuário de droga; outras vezes, eu dormia em quiosques”*.

A condição de rua exige que o sujeito vivencie a imersão em uma cultura que não se baseia em valores do trabalho, da moradia e das relações familiares (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004). De acordo com Costa (2006), à medida que se prolonga a estada na rua, as situações vivenciadas exigem que sejam tecidas estratégias para que se possa permanecer e sobreviver nela, tornando-se necessário o desenvolvimento de características para a manutenção da vida sem as conveniências de um domicílio.

Costa (2006, p.48) traz ainda que “estar na rua exige um domínio de técnicas que se adquirem através da experiência própria ou pela orientação de outros que já dominam esta forma de habitar o urbano”). Paulo, por exemplo, narra uma parte desse aprendizado, que é transmitida entre os companheiros de rua. *“É porque a gente vai aprendendo. Esses outros cara aqui (outros albergados), quando eu chego por último, eu pergunto algumas coisas pra eles. Queira ou não queira, vai virando aquela irmandade, né? Fudido por fudido...”*.

Kunz (2012) enfatiza, em sua pesquisa, a presença de gestos de solidariedade entre companheiros de rua, não sendo incomum o compartilhamento de roupas, substâncias psicoativas, alimentos e informações que possam trazer benefícios comuns. O trecho a seguir traz um exemplo, dado por Paulo, sobre a troca de informações:

⁶ No contexto da situação de rua, o “manguêio” consiste em convencer o outro a fazer alguma doação, geralmente em dinheiro, através de uma história ou situação que o sensibilize.

“É fui aprendendo esses macetes. Por exemplo: Tô aqui em Porto Velho, chega um cara aqui, “e aí beleza?”, “tá bom?” “Tu tava pra onde?”, “Tava em Ji-Paraná”, “E aí como é que é em Ji-Paraná?” Entende como é que é? Aí, já vou descobrir. “Pô, eu nunca fui em Ji-Paraná. Como é que é lá?” Eu nunca fui lá. “Ah, você pega, é assim e assim, tem um cara lá que vai...” entendeu? Você já chega na cidade, entendeu como é que é? “Tem um padre assim e tal, uma igreja e tal, tal, tal... Na hora x, tem umas irmãs lá que distribui sopa, tal dia à noite”. Você já chega lá sabendo, entendeu como é que é o negócio?”

No mesmo sentido, Alberto, que não conhecia bem a cidade, tinha dificuldades para manter a higiene pessoal até descobrir, através da troca de informações, um local para tomar banho em um imóvel desocupado na região central da cidade. Além disso, conta sua estratégia para conseguir algum dinheiro:

“Um rapaz que me falou. Eu perguntei: “Onde que o cara toma um banho por aqui?”, Ele disse: “Vai em tal canto assim. Lá, tem um portão preto, entra lá e vai ter uma caixa d’água lá atrás, chegando água direto”. Eu fui lá, passei numa casa, pedi um sabão, tomei banho e fui vigiar carro. Na frente de onde eu *tava (sic)*, tinha uma casa, o rapaz de lá me deu uma roupa. Quando não tinha como lavar, que *tava* muito suja, tem que pedir outra em algum canto.”

Uma das informações, por vezes partilhada, como nos diz Paulo, é quanto à alimentação. Os pontos de distribuição de comida conhecidos por eles são chamados de “boca de rango”. Geralmente, são ações assistenciais realizadas por instituições filantrópicas que distribuem alimento. Paulo diz que esses lugares são importantes porque nem todo morador de rua consegue dinheiro, nem todos têm “lábria” para “manguear”. Assim, esses lugares tornam-se uma das principais alternativas para alimentação.

Jorge também tece suas estratégias para obter comida. Em nosso encontro, ele me aponta uma embalagem plástica, pendurada no galho de um arbusto, utilizada para guardar sopa e conta como procede para obter alguns alimentos. “*Aí nós cata (sic) ali do japonês [comerciante do entorno onde estávamos] um tomate, uma batata no lixo, aí nós, ele dá pra nós uma gordura ali, aí nós frita (sic) aquela gordura, faz uma sopa aí nós sobrevive (sic)*”. Para cozinhar, é improvisado um fogareiro com tijolos ou latas, no local onde foi realizada a entrevista haviam várias marcas no chão deixadas por estes utensílios. Jorge prefere catar no lixo a pedir de casa em casa, para não “amolar muito a sociedade”. Porém, elogia bastante os rondonienses que raramente negam comida, ao contrário de outras cidades por onde passou, nas quais, segundo ele, a generosidade, neste quesito, é rara.

Ricardo pede comida nas residências quando não consegue algo em um restaurante que costuma lhe fazer doações. Algumas vezes, recebe alimentos que precisam ser preparados o que exige o improviso de utensílios. Alberto e Cláudio também recebiam doações de restaurantes que lhes forneciam o excedente após o horário de almoço.

Os estudos de Vieira et. al. (2004) e Kunz (2012) denotam que as instituições que distribuem comida, estabelecimentos comerciais como restaurantes, lanchonetes e feiras, acabam formando uma rede à qual os moradores de rua recorrem para se alimentar. Ambas experiências de pesquisa também registram o engenhoso improviso de fogões e panelas para o preparo dos alimentos.

Alguns costumes desenvolvidos antes da ida para a rua são preservados como, por exemplo, cuidados cotidianos com a higiene pessoal. Kunz (2012) encontrou, em sua pesquisa, sujeitos que usam bicas, postos de gasolina, banheiros públicos e albergues para esta finalidade. Jorge, por exemplo, demonstrou-se preocupado com a forma como se apresenta às pessoas e disse sempre zelar por sua aparência. Disse isso me mostrando suas roupas, que por sinal eram bem conservadas. Em uma de suas falas, desabafa: *“Na rodoviária, cê (sic) num pode nem ir lá tomar um “banhe” (banho), que já tem um policial lá, quer bater em todo mundo. E põe todo mundo pra correr”*.

Paulo também diz se preocupar com esse aspecto de limpeza. Diz que sempre foi higiênico e, em função disso, chegou até a tomar banho no rio Madeira. Por falta de opção, usa banheiros de postos de gasolina, mas, quando percebe que “enjoam” dele, como falas recorrentes como “A chave do banheiro ficou com fulano” ou “O banheiro está sem água”, ele procura “caçar” outros lugares acessíveis. Menciona, também, os albergues e instituições filantrópicas onde é possível cuidar da higiene. Em uma dessas instituições é possível cortar o cabelo, fazer a barba e obter alguns atendimentos de saúde. Segundo ele, é uma ajuda, uma espécie de alívio: *“Dali a três dia (sic), três dias tá (sic) a mesma coisa, mas pelo menos dá pra respirar um pouquinho, né?”*.

Ricardo tece suas estratégias para suprir as necessidades dessa natureza no centro da cidade. Utiliza um monumento, no formato de fonte, para tomar banho, pois é a única da região que possui água limpa. Para as necessidades fisiológicas, usa o banheiro de um lava jato, os funcionários do posto o cedem para que moradores de rua usem. Outro local, também utilizado pelo entrevistado, são os banheiros da biblioteca pública da cidade, que está sempre disponível e em boas condições.

Cláudio pagava para tomar banho em um banheiro público ou utilizava a torneira de um bar.

“Pagava pra tomar banho no banheiro, um real. Tinha cara que tomava banho na tora numa torneira, ali do lado do bar do x. Tinha uma torneira com água à vontade. Os caras que vivem muito tempo na rua lavam roupa ali mesmo, estende... Fica ali tomando banho e tomando uma [...] “

Os caminhos que os entrevistados tomam para suprir algumas necessidades de várias ordens são exemplos que corroboram a afirmação de Vieira et. al. (2004, p.96) sobre aqueles que moram na rua: “Os que já moram nela possuem um modo de vida próprio, ou seja, desenvolvem formas específicas de garantir a sobrevivência, de conviver e ver o mundo. Têm sobre a cidade um outro olhar, atribuindo novas funções aos espaços públicos, às instituições.”

LIÇÕES APRENDIDAS

A constatação de alguns dos estigmas que marcam as pessoas que vivem na rua, tais como: fazer parte de extratos sociais com pouca renda e escolaridade, o consumo de substâncias psicoativas, o distanciamento do mundo do trabalho formal, entre outros fatores que os tornam invisíveis socialmente e descartáveis, me instigaram a entender como se deu o processo de ocupação das ruas, por parte dos que vivem nela, como se adaptaram e como concebem o mundo ao redor a partir de uma condição existencial extrema e vulnerável.

Acredito que a possibilidade de entender e compreender melhor o fenômeno do qual fazem parte as pessoas em situação de rua, somente torna-se possível quando nos propomos à diversificação de olhares, ou seja, a adesão aos “olhares múltiplos”, como dito por Albuquerque (2009).

É importante que essa diversidade seja composta pelos olhares possíveis, que podem emergir a partir das vozes dos próprios moradores de rua, vozes que me parecem o melhor caminho para se aprofundar acerca dos seus modos de vida, dos seus pensamentos e, também, dos seus sentimentos.

Entrar em contato com perspectivas e olhares oriundos desse segmento populacional nos proporciona uma reflexão dual, por apresentarem singularidades que os diferenciam e os aproximam, trazendo à tona representações e alteridades de suma importância para o contato e o trabalho com essas populações. Assim, presumo que os frutos dessas reflexões possam fazer parte do processo formativo de quem atua ou mesmo de quem estuda sobre esse segmento social.

Privilegiar o ponto de vista das pessoas que vivem na rua pode ser considerado um rompimento com a visão limitada e estigmatizante que predomina na sociedade. Nesse sentido, abrem-se possibilidades para o fortalecimento e para a construção de estratégias de cuidado mais efetivas por meio do conhecimento produzido.

Assim, a utilização dos relatos orais se apresenta propositiva quanto à produção de saberes, de interpretações, de sentidos e de (re) significados, inclusive a cada vez que se (re) visite os depoimentos de cada pesquisado (SILVA et al., 2007; TONIETTE, 2009).

Escutar atentamente as narrativas de pessoas em situação de rua tantas vezes quanto forem necessárias, conhecer suas histórias e modos de vida consiste em uma

postura de não silenciamento desses sujeitos, mas de visibilidade a um segmento social e a um fenômeno que ainda precisa ser melhor compreendido pela Psicologia e por outras ciências.

Inevitavelmente, ao tocar sobre o tema ‘família’, as falas dos entrevistados apresentaram-se permeadas de emoções, quando sorrisos tentavam disfarçar a dor das marcas que ficaram e as lágrimas apontavam a experiência dolorosa advinda das desilusões, rupturas, vivências hostis e abandono, o que denota a fragilidade dos vínculos e, portanto, desvela-se a existência de uma escassez afetivo-emocional entre os membros de um grupo familiar.

O uso de substâncias psicoativas aparece como uma constante nas narrativas de todos os entrevistados, constituindo-se como um fator extremamente significativo para a ida e/ou para a permanência das pessoas na situação de rua. O fato nos alerta para a importância com a qual deve ser tratada a questão, de forma ética, respeitando-se os direitos humanos e adotando ou mesmo desenvolvendo-se novas estratégias de cuidado, livres das retrógradas ideologias de segregação e limpeza social.

Entendo que é de suma importância destacar o papel das redes de atenção aos moradores de rua que, juntamente com instituições assistenciais da sociedade civil, configuram-se como pontos de apoio que tornam a vida na rua menos precária, minimizam vulnerabilidades e apontam possibilidades de saída delas.

Vale mencionar que, nessa pesquisa, os CAPS aparecem desempenhando um importante papel nas redes de cuidado. Sendo assim, são relevantes os investimentos que visam fortalecer as políticas sociais e de saúde. Não podemos deixar de enfatizar a importância da capacitação dos profissionais que atuam nas redes de atendimento a essa população, de forma que estejam contempladas perspectivas alinhadas aos direitos humanos, aos princípios do cuidado humanizado entre outras necessidades consonantes com as peculiaridades desse segmento social.

Também se deve observar a relevância de conceber o cuidado como um dever de todos (família, assistência social, saúde, comunidade etc.), inclusive nas situações críticas que, conforme os achados, caracterizam o período que antecede a ocupação das ruas.

A intenção de apresentar as experiências de pessoas em situação de rua foi trazer à tona alguns significados do que é viver na rua, de como se chega a ela e de como se sobrevive nela. Creio que as suas narrativas têm o potencial de promover reflexões acerca do fenômeno da ocupação das ruas e gerar, ainda que de forma incipiente,

subsídios para melhores relações de trabalho e convivência com essa população que, geralmente, é estigmatizada, escondida ou esquecida.

É possível perceber que as pessoas que vivem na rua reinventam funções de espaços públicos, desenvolvem formas e meios de conviver e se relacionar em prol da adaptação, mostrando a necessidade da abertura ao convívio e ao cuidado a essa população.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE; Cintia Maria da Cunha. **Loucos nas ruas**: Um estudo sobre o atendimento à população de rua adulta em sofrimento psíquico na cidade do Recife. 137 f. Dissertação – Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

ALCANTARA; Stefania Carneiro de, ABREU; Desirée Pereira de; FARIAS; Alessandra Araújo. Pessoas em situação de rua: Das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. *Revista Colombiana de Psicología*, v. 24, n. 1, p. 129-143, 2015.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto** nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/sobreministerio/legislacao/assistentiasocial/decretos/2009/Decreto%20no%207053%20de%2023%20de%20dezembro%20de%202009.pdf>> [acessado em 19/10/2013].

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a fome. **Rua: Aprendendo a contar**: Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Brasília: MDS. 2009. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/biblioteca/secretaria-de-avaliacao-e-gestao-de-informacao-sagi/livros/rua-aprendendo-a-contar-pesquisa-nacional-sobre-a-populacao-em-situacao-de-Rua/Rua%20aprendendo%20a%20contar%20Pesquisa%20Nacional%20sobre%20a%20Populacao%20em%20Situacao%20de%20Rua.pdf/download>> [acessado em out. 2013].

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Disponível em: http://crepop.pol.org.br/novo/1474_cfp-lanca-ciclo-de-pesquisa-atuacao-profissional-na-politica-nacional-para-a-populacao-em-situacao-de-rua [acessado em out. 2013].

BRASIL. Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=110020&idtema=16&search=|s%EDntese-das-informa%E7%F5es>> [acessado em set. 2014].

BROIDE, J. A família em situação de rua: alguns aspectos de sua dinâmica. **Correio da APPOA**, n. 82, p.27-34, 2000.

CANDAU, V. M. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45-57, 2008.

CARNEIRO, Josué. A história oral como instrumento no desenvolvimento e elaboração da pesquisa. **Bol. geogr., Maringá**, v. 30, n. 2, p. 121-131, 2012.

COSTA; Julio Caetano. **Cinema e Morador de Rua**: buscando estratégias de resistência. 77 f. Dissertação – Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

COSTA; Vânia Damasceno. Experiência de mulheres da Amazônia vivendo com hanseníase. 147 f. Dissertação – Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, 2011.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª Ed. Artmed, 2010.

DESLANDES, S.F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M.C.S. et al. (Org.). In: **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 31-60.

DORNELLES, A.E; SILVA, M.B; GHELEN, I; SCHUCH, PARICE. O retrato censitário da população adulta em situação de rua em Porto Alegre. In: SCHUCH; P. et al. **A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. Belo Horizonte: Didática, 2012. p. 43-57.

FERRAZ; Flávio Carvalho. Andarilhos da Imaginação. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GOMES; Rita de Cássia Maciazeki. **Gente-caracol: A cidade contemporânea e o habitar as ruas**. 113 f. Dissertação – Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

KUNZ; Gilderlandia da Silva. **Os Modos de Vida da População em Situação de Rua: Narrativas de Andanças nas Ruas de Vitória/ES**. 133 f. Dissertação – Mestrado em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

LIMA, D.A; COUTINHO, F.A; ALMADA, C.A.A; ALEMÃO, M.M; FERREIRA, R.G; BUENO, N.H. **Psicologia na rua: possibilidades de atuação psicológica com pessoas vivendo em situação de rua**. Porto Velho; 2012. 5 p.

MARTINS, M.C.F.N; BÓGUS, C.M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. Saúde e Sociedade, v.13, n.3, p.44-57, set-dez 2004.

MATOS, J.S; SENNA, A.K. História oral como fonte: Problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n.1, p. 95-108, 2011.

MATTOS, R.M.; FERREIRA, R. F. *Quem vocês pensam que (elas) são?* Representações sobre as pessoas em situação de rua. Rev. Psicologia & Sociedade, v. 16 n. 2, p. 47-58, maio/ago. 2004.

MATTOS, R.M.; FERREIRA, R. F. *O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado*. Estudos de Psicologia, Campinas v. 22, n. 1, p. 23-32, jan./mar. 2005.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral. 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDONÇA; Gabriel Coelho. Sentidos Subjetivos de Moradores de Rua Frente ao Futuro. 113 f. Dissertação – Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.

MOURA JÚNIOR, JAMES FERREIRA. Reflexões sobre a pobreza a partir da identidade de pessoas em situação de rua de Fortaleza. 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

NEIVA-SILVA, L; KOLLER, S.H. A rua como contexto de desenvolvimento. In: LORDELO, E.R. et al. (Org.) **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 205-230.

PERES, Rodrigo Sanches. Andarilhos de estrada: Estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância. *Psico-USF*, v.6, n.1, p.67-75, 2001.

SANTOS, I.M.M.; SANTOS, R.S. A etapa de análise no método história de vida – Uma experiência de pesquisadores de enfermagem. *Texto contexto enferm*, Florianópolis, v. 17, n.4, p. 714-719, out./dez. 2008.

SILVA, S.L. **Mulheres da Luz**: Uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack. 2000. 115 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo.

SILVA, A.P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico estudos em psicologia*, Minas Gerais, v.1, n.1, p. 25-35, 2007.

SCHUCH, Patrice et al. **A Rua em Movimento**: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre. Belo Horizonte: Didática, 2012.

SERRANO; Cézar Eduardo Gamboa. **Eu mendigo**: alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SNOW, D; ANDERSON, L. **Desafortunados**: Um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes, 1998.

TONIETTE; Marcelo Augusto. **Trajetórias de vida e Sexualidades**: um estudo a partir de depoimentos de homens e mulheres atendidos no Plantão Psicológico do Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

VARANDA, W. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v.13, n. 1, p.56-69, 2004.

VARANDA, W. **Liminaridade, bebidas alcóolicas e outras drogas**: funções e significados entre moradores de rua. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou mestrando de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e estou realizando entrevistas, com o projeto de pesquisa “MORAR NA RUA: SENTIDOS SUBJETIVOS DE MORADORES DE RUA” cujo objetivo é compreender o relato de experiência de pessoas que moram ou moraram nas ruas.

Peço sua colaboração em ceder algumas entrevistas, conforme sua disponibilidade, podendo ser gravadas (ou não), assim como também solicito autorização para publicação dos resultados, ressaltando que em nenhum momento aparecerão informações que identifique sua pessoa ou o lugar onde trabalha.

Antes de assinar tal termo, chamo atenção para os seguintes esclarecimentos:

- O material coletado (gravado) será manuseado exclusivamente por minha pessoa, sendo destruído após a conclusão dos trabalhos.
- Sentindo-se desconfortável com qualquer pergunta, poderá deixar de respondê-la, sem apresentar justificativas.
- Não haverá nenhum custo financeiro para Vossa Senhoria e também não haverá pagamento para participar da pesquisa.
- Você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, independente do motivo ou de apresentar justificativas.
- Concluindo esta pesquisa, o material resultante ficará à disposição no *Centro de Pesquisa em Formação da Pessoa* da UNIR (6921822199).

Por fim, caso concorde com a realização das entrevistas e com a finalidade para a qual elas se destinam, peço o obséquio de assinar o termo abaixo.

Atenciosamente.

Regis Albuquerque Henrique*

TERMODECONCORDÂNCIA

Eu, _____ concordo com a realização das entrevistas com a Sr. Regis Albuquerque Henrique, conforme os termos mencionados acima.

, ____ de ____ de ____.

* Psicólogo Regis Albuquerque Henrique aluno do Mestrado Acadêmico em Psicologia da UNIR Telefones: 68 99534154/ 69 81117537. E-mail: rejjis@gmail.com

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SENTIDOS SUBJETIVOS: HISTÓRIA E VIDA DE MORADORES DE RUA

Pesquisador: Regis Albuquerque Henrique

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31510014.9.0000.5300

Instituição Proponente: Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 678.161

Data da Relatoria: 26/05/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa a ser desenvolvida por mestrando do Programa de Mestrado em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia, cujo objetivo é compreender o relato de experiência de pessoas que moram ou moraram nas ruas. O protocolo está devidamente instruído e com documentação anexa.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto apresenta como objetivo primário: "Compreender o relato de experiência de pessoas que moram ou moraram nas ruas". Como objetivos secundários:

- Analisar sentidos que atribuem à rua;
- Entender como percebem o processo de ruralização;
- Conhecer a percepção que têm de suas histórias de vida e a rua;
- Verificar como utilizam/utilizaram políticas públicas governamentais e/ou não governamentais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Nenhum riscos para o desenvolvimento da pesquisa, no entanto, pode haver desconforto referente ao tempo necessário a obtenção dos dados.

Benefícios: Trazer o tema à baila e consolidá-lo como uma discussão permanente dentro e fora do

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.

Bairro: Centro

CEP: 78.000-000

UF: RO

Município: PORTO VELHO

Telefone: (691)182-2111

E-mail: reitoria@unir.br; cep.unir@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 678.161

ambiente acadêmico; Contribuir através da ciência psicológica, para o processo formativo de profissionais que atuam com populações de rua; Substanciar a análise dos processos psicossociais; Auxiliar na implementação de políticas públicas; Promoção de direitos humanos; Proporcionar uma dimensão terapêutica ao pesquisado, na qual poderá realizar um movimento de reconstrução, ressignificação e construção de sentidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo de grande relevância social, visto que poderá proporcionar uma aproximação das experiências das pessoas morram ou já morraram nas ruas. Os participantes serão moradores de rua e/ou ex-moradores. Para a coleta de dados, será utilizado o método da História Oral de Vida. Para a obtenção da amostra será utilizada a técnica metodológica "Bola de Neve", através da qual os participantes iniciais sugerem outros participantes, de forma que novos entrevistados são identificados a partir da própria população pesquisada. As entrevistas serão gravadas em áudio por meio de instrumento apropriado, o registro também poderá ser feito na forma de paráfrase após o término de cada entrevista. Será utilizado também o diário de campo para o registro de impressões, postura corporal, interrupções e outras informações que escapem ao áudio, prezando assim, pela fidedignidade da análise de dados. Em seguida será realizada a transcrição da entrevista para análises posteriores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta TCLE que atende o que é exigido pela Resolução 466/12/CNS/MS, na metodologia referida não haverá instrumento de coleta de dados, apenas uma questão norteadora para a condução de entrevista aberta; apresenta requerimento enviado e recebido pelo Centro Especializado Para a População de Rua, local onde serão realizadas as entrevistas com os possíveis sujeitos.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise e de acordo com a Resolução 466/12/CNS/MS, o parecer é favorável ao projeto de pesquisa SENTIDOS SUBJETIVOS: HISTÓRIA E VIDA DE MORADORES DE RUA.

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.
Bairro: Centro **CEP:** 78.000-000
UF: RO **Município:** PORTO VELHO
Telefone: (691)182-2111 **E-mail:** reitoria@unir.br; cep.unir@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 678.161

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO VELHO, 06 de Junho de 2014

Assinado por:
Edson dos Santos Farias
(Coordenador)

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.

Bairro: Centro

CEP: 78.000-000

UF: RO

Município: PORTO VELHO

Telefone: (691)182--2111

E-mail: reitoria@unir.br;cep.unir@yahoo.com.br